

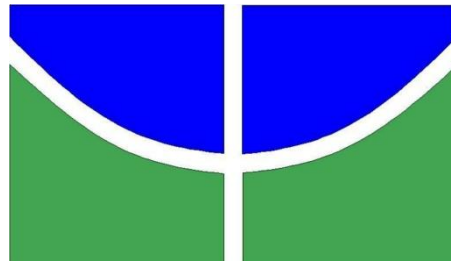
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A Economia Solidária como um Movimento Social: vivências educativas no DF

LOHANA MAYRA DE SOUSA SANTOS

Brasília

2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LOHANA MAYRA DE SOUSA SANTOS

A Economia Solidária como um Movimento Social: vivências educativas no DF

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Sonia Marise Salles Carvalho

Brasília

2013

LOHANA MAYRA DE SOUSA SANTOS

A Economia Solidária como um Movimento Social: vivências educativas no DF

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr^a. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

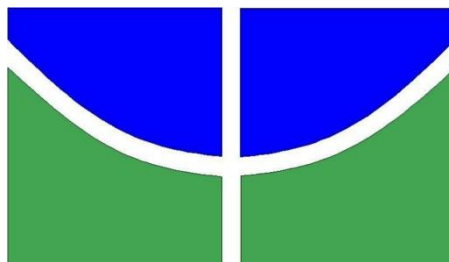
Profa. Dr. Sônia Marise Salles Carvalho(orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Jose Luiz Villar Mella
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dr. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília

2013



Monografia de autoria de Lohana Mayra de Sousa Santos, intitulada “A Economia Solidária como um Movimento Social: vivências educativas no DF”, apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade de Brasília.

Profa. Dra. Sonia Marise Salles Carvalho (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB

Profo. Dr. Jose Luiz Villar Mella

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB

Profa. Dr. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB

Brasília,

2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, Aquele que tem me capacitado no caminhos de minha história, a minha família, em especial minha mãe, por doar cada dia de sua vida a mim e meus irmãos e a todos aqueles que acreditam no poder da Educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que por me trazer à vida tem me permitido calcar grandes vitórias. Agradeço também a minha família, por todo apoio, amor e paciência aos quais me acometeram durante estes quatros anos de estudos, desafios e conquistas, à professora Sônia Marise, por remover algumas vendas de meus olhos e me apresentar a um mundo para além da Universidade de Brasília por meio da prática da extensão universitária, tão importante para a minha constituição como pessoa e profissional. Agradeço também a todos aqueles que diariamente, direta ou indiretamente, trabalharam e trabalham em prol da educação.

"Tudo posso naquele que me fortalece"

SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT	9/10
APRESENTAÇÃO	11
PARTE I: MEMORIAL EDUCATIVO.....	12
PARTE II: REFERENCIAL TEÓRICO E EXPERENCIAL SOBRE MOVIMENTOS SOCIAIS E ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	17
CAPÍTULO 1: OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA REFLEXÃO.....	18
1.1 A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO UM MOVIMENTO SOCIAL	23
CAPÍTULO 2: A ECONOMIA SOLIDÁRIA, O ENGAJAMENTO E A DÁDIVA: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL.....	27
2.1 EMPREENDIMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA.....	32
2.1.2 AS ASSOCIAÇÕES	33
Um exemplo concreto de Associativismo: A Associação Atlética de Santa Maria.....	34
2.1.3 AS COOPERATIVAS.....	36
Um exemplo concreto de Cooperativismo: A Cooperunião.....	37
CAPÍTULO 3: VIVÊNCIAS EDUCATIVAS NA ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO UM MOVIMENTO SOCIAL	39
3.1 ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA: UMA VIVÊNCIA DE AMOR E DEDICAÇÃO.....	40
3.2 COOPERUNIÃO: UMA VIVÊNCIA DE SUPERAÇÃO.....	50
CAPÍTULO 4: DANDO VOZ AOS ATORES SOCIAIS.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72

PARTE III: PERSPECTIVAS PESSOAL, PROFISSIONAL E

ACADÊMICA74

REFERÊNCIAS76

ANEXOS.....78

RESUMO

Este estudo relaciona a Economia Solidária como movimento social à prática de vivências e trabalhos educativos solidários, como alternativa a uma sociedade estruturada sobre a desigualdade e o enfraquecimento dos vínculos sociais. Em um mundo que cada vez mais tem exigido do ser humano o ter em detrimento do ser, esta “outra economia que acontece” atua como motor de reivindicação dos menos favorecidos/assistidos socialmente, trabalhando como um movimento social em favor do empoderamento e inclusão daqueles que estão marginalizados, fortalecendo assim as trocas sociais solidárias. Por constituir-se no seio da coletividade, a ES exige atores sociais engajados e comprometidos socialmente, dispostos a concretizarem suas ações à luz da dádiva, dando-recebendo-retribuindo, proporcionando assim o florescimento de uma nova sociedade edificada sob a cooperação, o respeito mútuo, a solidariedade, onde todos possam se enxergar como sujeitos de sua história, ativos nas decisões e trabalhos coletivos. Contexto este que tem favorecido cada vez mais o desdobramento de novas formas de organização do trabalho e de manifestações concretas de trabalhadores e trabalhadoras em benefício da autogestão, viabilidade econômica, cooperação e solidariedade: os Empreendimentos de Economia Solidária, alocados principalmente junto a comunidades em situação de vulnerabilidade social, estes empreendimentos têm favorecido a prática de novos vínculos sociais e a geração de trabalho e renda, experiências estas que serão ilustradas concretamente neste trabalho, a primeira experiência educativa vivenciada em uma Associação em Santa Maria e a segunda em uma Cooperativa em São Sebastião, ambas localizadas no Distrito Federal. O resultado deste trabalho final de curso esteve ancorado na Pesquisa-ação, por meio do relato de vivências no campo da Economia Solidária, onde percebemos que os princípios da Economia Solidária podem trazer o bem viver.

Palavras-chave: Economia Solidária, Movimento Social, Educação.

ABSTRACT

This study relates the Solidarity Economy as a social movement to the practice of educational experiences and work in solidarity, as an alternative to a society structured on inequality and the weakening of social bonds. In a world that increasingly has required human having over being, this "other economy that happens" acts as engine of claim disadvantaged / socially assisted, working as a social movement in favor of the empowerment and inclusion of those who are marginalized, thus strengthening social solidarity exchanges. Because it is in the bosom of the community, the Solidarity Economy requires social actors engaged and socially committed, willing to realize their actions in the light of giving: giving-receiving returning, thus providing the flowering of a new society, built upon cooperation, mutual respect, solidarity, where everyone can see themselves as subjects of their history, active in decisions and collective works. This context has increasingly favored the deployment of new forms of work organization and concrete manifestations of workers for the benefit of self-management, economic feasibility, cooperation and solidarity: the Solidarity Economy Enterprises, allocated mainly along the communities in social vulnerability, these developments have favored the practice of new social bonds and the generation of employment and income, these experiences will be concretely illustrated in this work: the first experience lived in an Association in Santa Maria and the second in a Cooperative in San Sebastian, both located in the Federal District. The result of this final course was grounded in action research, through the account of experiences in the field of Economic Development, where we realize that the principles of solidarity economy can bring the good life.

Keywords: Solidarity Economy, Social Movement, Education.

APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é a etapa final como parte do requisito para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientado pela Prof.^a Dr.^a Sonia Marise Salles Carvalho, com enfoque direcionado á Economia Solidária como Movimento Social e minhas vivências educativas à luz da pesquisa-ação, o trabalho é constituído por três partes, por normas acadêmicas.

A primeira parte do trabalho é constituída pelo memorial educativo, onde realizo uma breve retrospectiva de minhas vivências educativas durante minha eterna constituição como ser humano. Inicio esta caminhada lembrando meus primeiros passos rumo ao que hoje e amanhã há de vir, até os acontecimentos que me trouxeram até este vitorioso destino.

Na segunda parte realizo reflexões conceituais teóricas, tomando como base para o meu trabalho um diálogo entre os movimentos sociais, segundo Gohn e a Economia Solidária, segundo alguns autores como França, Carvalho e Singer e, também as experiências por mim vivenciadas durante minha formação acadêmica dentro do Projeto de Economia Solidária, experiências estas fundamentadas nos procedimentos metodológicos da pesquisa-ação, e realizadas: em uma Associação localizada na cidade de Santa Maria – Distrito Federal e em uma Cooperativa localizada na cidade de São Sebastião.

Ao final, na terceira e última parte, abordo minhas perspectivas pessoais e profissionais, meus sonhos, desejos, anseios e, com a graça de Deus, futuras vitórias.

PARTE I:
MEMORIAL EDUCATIVO

PARTE I: MEMORIAL EDUCATIVO

Acredito que tudo na vida de qualquer pessoa tem um motivo e razão especiais de ser. Comigo não seria diferente.

Nasci em doze de setembro de 1991, às nove horas da noite, no Hospital Brasília, na capital do País. Sou a primeira de quatro filhos e por isso não sou apenas filha, sou também irmã e muitas vezes mãe.

Resido em Brasília há vinte e um anos, mas meu coração é das Minas Gerais, sendo filha de mineiros legítimos, não dispenso um queijinho minas, um bom pão de queijo e aquele docinho de leite que só as Minas têm.

Ingressei na educação formal aos seis anos, no antigo Jardim III, hoje primeiro ano, minha ex-professora, hoje é minha colega de trabalho e professora de minha irmã, o tempo não perdoa!

Estudei durante quase toda a minha vida em escolas particulares, mas as poucas semanas em que tive a experiência de estudar em uma escola pública me marcaram para sempre, não por lá ter vivenciado fatos tristes ou memoráveis, mas por ser uma realidade completamente diferente das demais por mim vividas.

Não tenho muitas recordações de meu processo de alfabetização, o que sei e o que meus pais me relatam é que não tive dificuldade alguma em juntar as letrinhas, emendar sílabas e tranquilamente devorar minha bíblia infantil e os livrinhos de aventura a mim presenteados.

Não tenho más recordações de meu tempo de escola. Professores maravilhosos marcaram minha memória e hoje, com toda certeza afirmo, tiveram participação essencial em minha escolha profissional.

Me recordo que foi em meu ensino médio que decidi que carreira iria seguir. Foi ao entrar em contato com meu ex-professor de gramática e atual amigo, que me encantei pela arte de ensinar.

As aulas eram maravilhosas, gostosas de se participar, havia canções, leituras interessantes e até mesmo as análises sintáticas me proporcionavam um imenso prazer.

Assim, pelo fato de eu ter uma imensa afinidade e carinho pela Gramática, inicialmente desejei me graduar em letras, seria professora ensinando algo que amo. No entanto, o contato com crianças na escola onde atualmente estou trabalhando me trouxe certeza e satisfação: eu estava no lugar certo, me graduando em Pedagogia.

Sempre fui uma excelente aluna e, apesar de amar sentar no fundão e conversar bastante, nunca deixei de elencar minhas prioridades, prestar atenção nas aulas e aprender sempre foi uma delas, o que, de fato, me trouxe até aqui.

Meu ingresso na universidade foi um grande presente de Deus para mim e minha família. Meu pai, sempre em suas falas deixou claro que não teria condições de arcar com os custos de uma faculdade particular e que meu único caminho deveria ser o de uma universidade pública, bem, verdade ou não, no meio de meu Ensino Médio, segundo vestibular de 2009, estava eu ingressando em uma universidade pública.

Na Faculdade de Educação vivenciei momentos gloriosos, dentre eles é claro o contato com a professora Sônia e o projeto de Economia Solidária. Desenvolvi trabalhos esplêndidos, discuti com professores e reivindiquei direitos, varei noites estudando e perdi trabalhos imensos com problemas no computador, me alegrei, chorei, por vezes fiquei indignada, no entanto, não me arrependo de nada que vivi.

Professores me marcaram em minha vivência universitária, lembro que logo em meu primeiro semestre minha experiência de projeto 1 foi de exigência e muito estudo, a professora responsável pela disciplina era extremamente exigente e autoritária, o que foi marcante e importante, devido à nova realidade que se iniciava em minha vida.

Em meu segundo semestre, uma disciplina em especial me marcou, Teoria e Prática da análise do Texto (Instituto de Letras), com uma professora chilena, nela estudei diversos textos literários e viajei no mundo da leitura, fui considerada a ledora oficial da turma!

E foi também neste semestre iniciei meu contato com o mundo do trabalho e, desde então, nunca mais parei. Meu primeiro emprego, no IBAMA, me proporcionou momentos de muita aprendizagem, ganhava um pouco mais de R\$ 300,00, mas tinha imensa satisfação, ali estava o suor de meu trabalho e conhecimento.

Em meu terceiro semestre, na obrigação de ingressar no projeto 3, tive a experiência de um trabalho mais orientado e subjetivo estudando sobre Alfabetização e Linguagem, pesquisa enriquecedora, mas da na qual não dei continuidade.

Já no quarto semestre algumas disciplinas de marcaram devido a densidade de estudos e textos que me propiciaram esclarecimento e maior visão crítica das relações sociais e do trabalho.

Neste mesmo semestre, após ser aprovada em um processo seletivo no TCU, comecei a trabalhar com EAD e Educação Corporativa, o trabalho aumentou e, graças a Deus, o salário também! No entanto, após seis meses no Tribunal fui convidada a trabalhar na escola onde atualmente leciono. Todos foram contrários a minha decisão de deixar o TCU, para trabalhar em uma escola, principalmente devido à crítica redução salarial que se sucederia. No entanto, contra tudo e todos, fui trabalhar mais e ganhar menos na função de apoio escolar.

Minha dedicação e seriedade fizeram com que dentro de seis meses trabalhando como apoio, fosse promovida à PROFESSORA, função que estou exercendo até hoje e a qual pretendo exercer até o fim de minha vida.

Meu quinto semestre me marcou devido a algumas intempéries e reivindicações estudantis das quais participei, chorei, briguei, enfim, lutei pelos meus direitos como estudante.

Meu contato com a Economia Solidária, aconteceu posteriormente, no sexto semestre, quando tive o privilégio de conhecer a professora Sônia e o projeto 3 fase b. A partir de então não mais deixei o projeto, o que me proporcionou momentos de maravilhosas aprendizagens e experiências.

Foi neste projeto que me inspirei a escrever sobre a economia solidária e o que tem movido o ser humano a ingressar nessa jornada de solidariedade e bem viver.

Me inquietou o fato de, na possibilidade de enriquecimento (de bens materiais) pessoal, de destaque de si mesmo, que é o que o mundo atual tem professado por meio do capitalismo, pessoas se doarem e se engajarem em prol do trabalho coletivo e solidário, em preocupação com o outro e com aqueles ao seu redor.

Por isso, este trabalho que segue é resultado dessas inquietações que ontem e hoje têm movido o ser humano a se perguntar: por quê? Por que escolher trabalhar pelo outro? Por que dedicar-se a um empreito desafiador que é o de gerir uma associação, uma cooperativa dentro dos princípios solidários? O que motiva um ser humano a se doar, a se engajar? De que maneira esse engajamento se concretiza socialmente? Como os Movimentos Sociais e a Economia Solidária, esta também como um movimento social têm trabalhado a partir dessas dinâmicas e exigências sociais.

Estas questões me levaram e têm me levado a questionar meu modo de ser e agir diante de meus semelhantes, na busca pelo bem viver. Sendo este trabalho fruto de minha dedicação e mergulho em uma “outra economia que acontece”.

**PARTE II: A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO UM MOVIMENTO SOCIAL:
VIVÊNCIAS EDUCATIVAS NO DF**

1º CAPÍTULO – OS MOVIMENTOS SOCIAIS E A ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA REFLEXÃO

Os novos movimentos sociais são hoje uma força ascendente e decisiva no cenário social contemporâneo, tanto nos países industrializados como nos países em desenvolvimento. (Warren e Krichke, 1987)

Este capítulo tem como objetivo uma reflexão sobre os Movimentos Sociais e seu impacto perante a sociedade, quais são suas causas, o que os movem, seus motivos e reivindicações.

Ao se estudar o advento dos Novos Movimentos Sociais¹ torna-se perceptível sua importância para a configuração do cenário atual mundial, isto porque estes, abordados neste trabalho segundo os estudos de Gohn, atuam como motor de reivindicações das necessidades, sejam estas na esfera social, cultural, educacional, entre outras, presentes no cotidiano das sociedades, juntamente com a preocupação pela liberdade humana e o interesse pelas micro-histórias.

Segundo Gohn, 2008, o conceito de Movimentos Sociais são

[...] ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas.

Uma maneira alternativa de reivindicação e inserção social tem sido a leitura que Gohn faz desses novos movimentos sociais, que traduzem um sentido na sociedade capitalista moderna.

¹ ”Os novos movimentos orientam-se por critérios de afetividade, relações de expressividade, orientações comunitárias e organização horizontal. Os antigos movimentos distinguem-se por privilegiarem objetivos materiais, relações instrumentais, orientações para com o Estado e orientação vertical.” (Warren e Krichke, 1987)

A orbe atual, regida pelo capitalismo tem imposto modos de vida alheios às implicações de um lócus que visa uma atitude social solidária e democrática, são leis maiores que regem lugares menores com práticas diversas e distintas. A política hoje é um jogo injusto e sujo de proporção e poder, onde uma lei federal é lançada (literalmente) à estatal e posteriormente à municipal, sem que haja um reconhecimento das reais carências das comunidades, ou quando há, este aparece como sendo de ordem superficial, gerando desequilíbrios e formas subumanas de vida.

Exemplo concreto aparece nas atuais reivindicações dos movimentos sociais, nas manifestações em estados de todo o Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo, Distrito Federal e em várias outras realidades brasileiras, por parte da população insatisfeita com políticas de reajustes nas tarifas do transporte público, em prol do acesso aos direitos fundamentais do homem, como educação, saúde e também pelo respeito às diferenças inerentes ao multiculturalismo brasileiro.

Logo, os Movimentos Sociais ganham ênfase devido a sua preocupação para com as realidades menos assistidas/favorecidas ou assistidas de forma desigual/injusta na sociedade e o não respeito às diversidades, visando a prática da cidadania democrática vinda a partir da concretização do pertencimento social nos exercícios das comunidades. São ideais de homens e mulheres compartilhados e edificados em uma ação conjunta, não é a negação total do eu em detrimento do coletivo, mas sim uma negociação de interesses individuais e mútuos que procura corroborar ações democráticas frente a um mundo de injustiças e desigualdades.

Não se trata de livrar-se dos conflitos, mas sim, nos conflitos, nessa esfera decadente, criar situações que favoreçam a experiência da coletividade, onde cada cidadão, tendo o reconhecimento de como a política tem tratado de assuntos de interesse público e como estes têm sido consolidados socialmente, possam colocar-se, reivindicando seus direitos e seu espaço junto à sociedade, empoderando-se² a partir da força participativa da sociedade civil, pois sendo fruto de seu meio de convivência é ciente das necessidades ali encontradas, possuindo esclarecimento suficiente para argumentar e ir à luta:

² Empoderamento – tradução para o termo e inglês Empowerment: a ação coletiva desenvolvida por indivíduos e que propicia a consciência social dos direitos sociais. Disponível em:<
http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=7513&Itemid=62>

“Os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social.”(Gohn, 2010)

No entanto, mesmo diante de sua relevância, durante muito tempo os Movimentos Sociais foram negados historicamente, sendo considerados meras insubordinações às leis (Gohn, 1995), uma espécie de inimigo do Estado e o Estado também como inimigo, o que pode ser verificado até hoje dentro da sociedade por parte de alguns políticos e detentores do poder e também daqueles que estão à frente dos movimentos, o que possibilita a realização de um pequeno retrospecto quanto a sua dinâmica de constituição, tendo como ponto de partida a esfera brasileira dos Movimentos Sociais.

Conforme já colocado, durante muito tempo participar de algum grupo contra a hegemonia estatal significou resistência e rebeldia, conforme Gohn, 2010:

A democracia direta e participativa, exercitada de forma autônoma, nos locais de moradia, trabalho, estudo, etc. era tida como modelo ideal para a construção de uma contra hegemonia ao poder dominante. Participar das práticas de organização da sociedade civil significava uma ato de desobediência civil e de resistência ao regime político predominante.

Segundo a citada autora, as décadas de 1980 e seguintes seguiram como marcos na história dos Movimentos Sociais brasileiros. O ano de 1980 foi simbólico devido à grande quantidade de mobilizações populares surgidas em meio às inconstâncias socioeconômicas da dita década perdida (anos 78/79) e a hiperinflação, as reivindicações vieram de diversos setores da sociedade, envolvendo variados contextos: lutas agrárias, acesso à moradia, desemprego, precariedade na saúde pública, unidos em forma de grandes sindicatos, associações.

Já a década de 90 foi marcada principalmente pela exclusão social devido às desigualdades sociais e econômicas do sistema capitalista e crescimento do mercado informal e economia popular, o que de certa forma gerou um determinado declínio dos Movimentos Sociais devido ao seu distanciamento para com as unidades institucionalizadas. Período considerado como: a era movimentista.

Contemporâneos às citadas décadas os Movimentos Sociais atuais possuem características que lhe configuram um caráter ainda maior: estarem aliados aos meios de comunicação (sejam estes a televisão, o rádio e, principalmente atualmente, a internet), o que alarga as fronteiras, ou seja sua área de atuação, em muitos casos tornando-se internacionais, aumentando assim o número de participantes e sua visibilidade social. Gohn (2011, p.336-337) afirma:

Na atualidade apresentam [Movimentos Sociais] um ideário civilizatório que coloca como horizonte a construção de uma sociedade democrática. Hoje em dia, suas ações são pela sustentabilidade, e não apenas autodesenvolvimento. Lutam contra a exclusão, por novas culturas políticas de inclusão. Lutam pelo reconhecimento da diversidade cultural. Questões como a diferença e a multiculturalidade têm sido incorporadas para a construção da própria identidade dos movimentos. Há neles uma ressignificação dos ideais clássicos de igualdade, fraternidade e liberdade.

No entanto é importante destacar que a atual configuração dos Movimentos Sociais, assim como foi por seus antecedentes, possui suas contradições e fragilidades, as manifestações ainda hoje são perpassadas por atos de vandalismo e violência, distanciando-se da essência dos Movimentos Sociais.

[...] estes movimentos transformam os meios em fins, o êxito é dado não pelas conquistas, mas pelo número de participantes e seu impacto midiático na sociedade. O movimento torna-se dependente da opinião pública, pois é preciso que a sociedade manifeste o conhecimento da ação, precisa que se discuta e debata o que se está demandando, reclamando ou denunciando, para que a ação coletiva venha a atingir reconhecimento e legitimidade social. A mídia e sua cobertura tornam-se elementos estratégicos nessa configuração; ela contribui para a direção do movimento, pois o movimento social precisa de visibilidade. [...] O processo de transformação social adquire facetas proféticas, místico, sem objetivo definido[...] (Poupeau, 2007, p. 47-48, apud Gohn, 2010):

Ainda em conformidade com o exemplo destacado neste trabalho, a respeito das manifestações nos estados brasileiros e suas reivindicações contra o aumento das tarifas do transporte público, tomando como referência as passeatas realizadas em Brasília, em frente ao Congresso Nacional, nestas tornou-se perceptível o fator - luta social e de reivindicação - no entanto a falta de objetividade acima citada, concretizou-se devido ao que inicialmente seria uma reclamação por diminuição das tarifas das passagens de ônibus, transformando-se em um movimento de diversas bandeiras, ganhando dimensões, significados maiores e distantes do primeiro: bandeiras contra o aborto, bandeiras do movimento GLS, ou seja, amplitudes desvinculadas ao objeto inicial, além da necessidade de repressão por parte da segurança pública devido a confusões em frente ao Congresso Nacional.

Situação esta que, por muitas vezes, tem diminuído a credibilidade dos Movimentos Sociais perante a sociedade, construindo no imaginário coletivo de muitos a consideração destes movimentos como meros agrupamentos de pessoas vândalas, dispostas a brigas e depredação de bens públicos.

No entanto, mesmo perante às lacunas já observadas, os Movimentos Sociais têm alcançado grandes conquistas em diversos setores da sociedade brasileira. Na esfera educacional por exemplo, os Movimentos Sociais têm trabalhado em prol da melhoria de condições do ensino e reconhecimento da diversidade cultural no contexto escolar, a exemplo dos movimentos estudantis. Logo, a questão fundamental relaciona-se com a luta pelos direitos e pela cidadania, pelo pleno exercício de uma educação de qualidade.

Hoje, pode-se tomar como exemplo as universidades, nesta a preocupação para com a diversidade e o reconhecimento, em especial dos negros e indígenas tem tomado proporções não antes imaginadas, isto devido à dinâmica dos Movimentos Sociais, suas lutas e reivindicações a favor da inclusão.

Ou seja, nas diversas esferas sociais, seja em relação à educação, saúde ou qualidade dos serviços públicos, os Movimentos Sociais têm lutado em favor de um gradativo melhoramento da conjuntura social atual.

“[...] processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades – no sentido de seu crescimento, autonomia, melhora gradual e

progressiva de suas vidas (material e como seres humanos dotados de uma visão crítica da realidade social)” (Gohn, 2010)

Neste contexto este capítulo segue elucidando como a Economia Solidária, a luz dos estudos até aqui realizados sobre o que são os Movimentos Sociais contemporâneos, é aqui estudada também como um Movimento Social.

1.1 A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO UM MOVIMENTO SOCIAL

Não se trata de uma esperança passiva, uma esperança “pelo alto”, de quem cruza os braços, aguardando o salvador. Trata-se de uma esperança ativa, de uma “ardente paciência” que não nos deixa perecer na desesperança e sem a qual não temos futuro. (GADOTTI, 2000)

Como já colocado anteriormente os Movimentos Sociais têm surgido a partir do reconhecimento da necessidade de inclusão de alguns segmentos sociais desfavorecidos ou desmerecidos socialmente.

Nesse mesmo sentido também tem trabalhado a Economia Solidária, com seu surgimento, no final do século XX, ela tem atuado como forma alternativa de produção, consumo e autogestão de empreendimentos, estando alocada principalmente em sociedades que não possuem uma renda fixa ou onde os recursos são insuficientes para uma vida social cidadã.

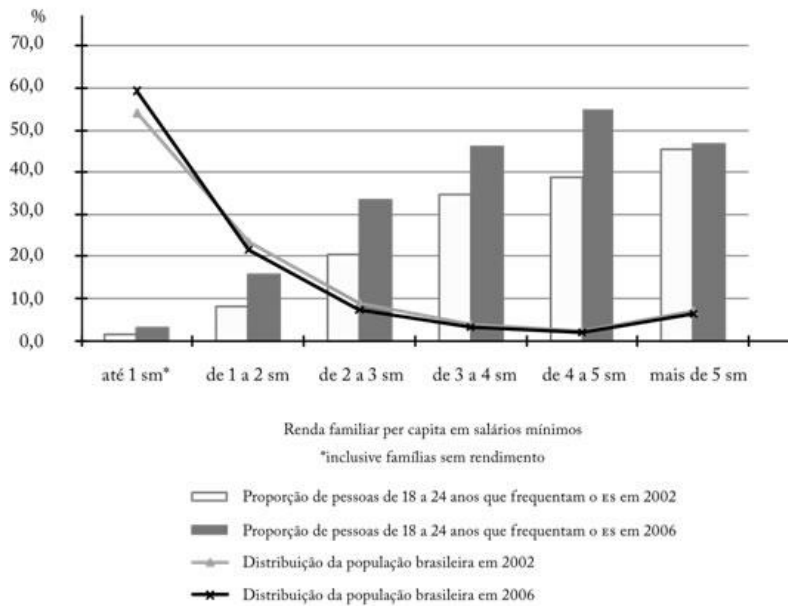
A atual configuração de Estado remonta para uma desigualdade social cada vez mais enraizada em políticas que não atendem a todas as demandas sociais, resultando em desemprego e formas desumanas de vida.

A seguir um quadro ilustrativo da atual situação econômico-educacional do país.

FIGURA 1 :Desigualdade Econômica

GRÁFICO 1 – Desigualdade socioeconômica

Proporção de matrículas de pessoas de 18 a 24 anos no ensino superior e distribuição da população, segundo faixa de renda familiar per capita em salários mínimos – Brasil, 2002 e 2006.



Nota: O presente gráfico utiliza e complementa o gráfico referente à 2002, elaborado por Andrade (2004) e publicado nos *Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação em São Paulo*, 2004.

Fonte: IBGE-PNAD.

Fonte: IBGE-PNAD

É possível traçar um paralelo paradoxal entre a forma de se pensar a economia capitalista e a economia solidária, ambas visam o desenvolvimento, no entanto a concepção de desenvolvimento por parte da Economia Solidária vai muito além do que Economia Capitalista tem imposto socialmente, visa um desenvolvimento participativo e igualitário dos sujeitos, não de poucos que querem ascender ao poder, mas de todos que querem construir o empoderamento dos menos favorecidos, segundo o FBES³, desenvolvimento é:

³ FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária - O FBES é a instância nacional de articulação, debates, elaboração de estratégias e mobilização do movimento de Economia Solidária no Brasil. Disponível em: <
http://www.fbes.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1291&Itemid=216>

Entendemos por desenvolvimento um processo de fomento de novas forças produtivas e de instauração de novas relações de produção, de modo a promover um processo sustentável de crescimento econômico, que preserve a natureza e redistribua os frutos do crescimento a favor dos que se encontram marginalizados da produção social e da fruição dos resultados da mesma. (Paul Singer, FBES)

Com o advento da globalização financeira o Brasil passou por uma crise de decadência econômica e de desemprego, tornando mais evidentes as desigualdades e fomentando a marginalização social.

Contexto esse favorável ao desenvolvimento de uma forma de gerir a economia que propiciasse a participação coletiva nas esferas de construção e gestão dos recursos sociais, assim a autogestão, um dos princípios fundamentais e norteadores da Economia Solidária, traz como ponto crucial a participação das comunidades na distribuição de renda, enraizados na democracia, solidariedade e igualdade, criando e recriando trabalho, uma forma de gestão consciente, onde todas as esferas envolvidas devem ter o conhecimento do que se passa dentro da realidade onde estão engajados, seja esta uma cooperativa, uma associação ou mesmo um movimento social.

Assim, em meio às experiências dos conflitos e desigualdades sociais o ser humano no decorrer da história visualizou e tem visualizado a necessidade de instituir uma nova forma de atuação econômica, uma política que atenda aos interesses comuns da sociedade civil em situação de vulnerabilidade, logo, segundo o FBES, a Economia Solidária não surge de uma reunião de intelectuais acadêmicos na intenção de definir uma nova política de sustentabilidade social, mas sim da “experiência prática ao longo da História” dos atores sociais envolvidos.

Algumas Associações de Trabalhadores como a ANTEAG - Associação Nacional de Trabalhadores e Empresas de Autogestão, são bons exemplos de empreendimento de autogestão e dialogam com os Movimentos Sociais, pois trabalham em prol da inclusão ou re-inclusão social e econômica, a partir da geração de trabalho e renda, visando sustentabilidade, sendo importante o sentimento de pertencimento a um empreendimento por parte do sujeito, a partir de seu preparo, para assim uma inserção. A análise do contexto onde o empreendimento

se dará, os possíveis resultados, são princípios apoiados pelos novos Movimentos Sociais, juntamente com Economia Solidária.

Ao distanciar-se do capitalismo, ou seja, do individualismo econômico, consumo exacerbado e acumulação de capital, esta forma econômica alternativa traça novas maneiras de se pensar e concretizar as relações humanas e coletivas.

Assim, as reflexões de França e Dzimira, contribuem no sentido de ilustrarem que a Economia Solidária não evidencia ações particulares e ilhadas da realidade circundante, mas trata e atua sobre um mundo de conflitos, na busca pela interação e pelo comprometimento dos atores sociais envolvidos, distanciando-se de ações utilitaristas, enraizada em uma política descentralizada e autônoma que proporcione à comunidade condições de melhoramento social, político e econômico.

Sendo assim, não é aquela que dá o pão e o leite, mas sim aquela que proporciona condições do preparo do pão, do processo ao produto, que difunde a importância da interdependência e do trabalho em parceria e que vai construindo relações horizontais de organização e interação, distanciando-se da hierarquização institucional e da alienação social. Portanto, trabalhando em prol do engajamento e do reconhecimento de si dentro do grupo, resistindo ao perigo da falta de interesse e desistência, trabalhando em prol do empoderamento e inserção social, assim como os demais Movimentos Sociais.

Por conseguinte, o capítulo a seguir realiza uma apreciação de pontos essenciais que têm tornado a Economia Solidária não só um movimento social, mas uma forma alternativa de se pensar e fazer novos vínculos e trocas.

2º CAPÍTULO – A ECONOMIA SOLIDÁRIA, O ENGAJAMENTO E A DÁDIVA: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL

Este segundo capítulo segue realizando um aprofundamento conceitual a respeito de pontos essenciais que tornam a Economia Solidária uma alternativa às desigualdades e injustiças da vigente economia capitalista, e como esta (Economia Solidária) tem se mostrado, cada vez mais uma escolha do bem viver.

Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego⁴ a Economia Solidária traduz-se da seguinte forma:

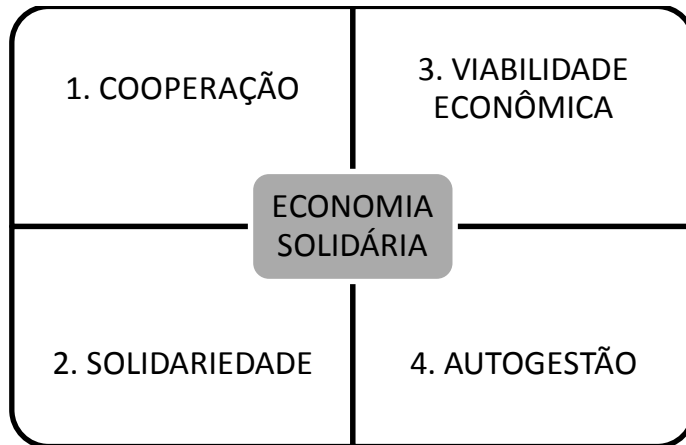
Economia Solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem. (Ministério do Trabalho e Emprego)

Ou seja, conforme já introduzido anteriormente esta “outra economia que acontece” elucida novas formas de se pensar e fazer economia, engendrando estruturas relacionais sociais distintas das atuais relações sociais hegemônicas pela consolidação do capitalismo não só econômico, mas também social.

Logo para entendê-la é preciso analisá-la conforme sua composição, a partir dos quatro princípios fundamentais que a norteiam, conforme ilustra a figura da página seguinte:

⁴ O que é Economia Solidária – disponível em:<
http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp>

FIGURA 2 : Os quatro princípios da Economia Solidária



Fonte: SIES 2007

Nos documentos oficiais sobre economia solidária no Brasil, reiteramos que:

1. Princípio fundamental na edificação de uma economia solidária a Cooperação diz respeito a atores sociais comprometidos com a coletividade e interesses comuns do grupo, não visa acúmulo ou meritocracia, mas trabalha pelo bem grupal. “[...]existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária.” (Ministério do Trabalho e Emprego)
2. Quanto ao princípio da Solidariedade, esta é caracterizada não só pelo ato solidário, mas por atitudes conscientes e justas, que vão desde o reconhecimento das necessidades do outro, à renúncia ao egoísmo e individualismo.
3. Viabilidade Econômica: se a estrutura econômica capitalista elucida crescimento e consumo exacerbado tanto de bens duráveis e/ou não duráveis a altos custos, em contrapartida a viabilidade econômica aclarada na Economia Solidária trabalha em prol do que o grupo tem a oferecer, o que ele pode utilizar como recurso, o que é proporcional para as condições locais.
4. Autogestão: favorece a participação coletiva nas tomadas de decisão e realização do trabalho solidário. Todos têm o conhecimento do sistema.

Logo, as trocas sociais edificadas em meio à Economia Solidária (ES) nunca poderão ser consideradas as mesmas de uma estratificação social capitalista, pois esta está regida sob relações individualistas e meritocráticas, restritas a jogos de interesses, que visam o mero enriquecimento e consumismo desproporcional e irracional, enquanto aquela (ES) visa uma tripartição verbal: o dar, o receber e o retribuir, ou seja, o tripé das trocas sociais solidárias.

Assim ao adentrar esta tripartição é importante entendê-la como parte inerente da Economia Solidária, por esta conceituada como a Dádiva.

“A dádiva constitui um dos componentes fundamentais da economia solidária.” (FRANÇA, 1999)

Carvalho (2008) ao discorrer sobre a dádiva afirma:

[...]no sistema de relações sociais, os indivíduos estão constantemente rompendo e reatando os laços sociais, onde o circuito “dar-receber-retribuir” possibilita a manutenção da relação, destacando o valor do vínculo como mais importante que o valor do uso e da troca. Nesse paradigma toda ação social deve ocorrer a partir dessa tríplice obrigação e de associar ao mesmo tempo obrigação e liberdade, interesse e desinteresse. As quatro dimensões estão imbricadas umas nas outras e encontram-se na existência social dos homens em funções alternadas entre a pulsão de guerra e paz ou afeto e desafeto.

A Dádiva em nossa sociedade depende fundamentalmente de uma ação social coletiva e de um conhecimento mútuo, no entanto, conforme França (1999) ela também se dá entre estranhos, desconhecidos. Este é um dos motivos que a torna uma muitas vezes contraditória e complexa quando concretizada nas relações sociais em sua tríplice verbal: dar, receber, devolver/retribuir, isto porque segundo França (1999):

A dádiva participa da economia solidária, manifestada notadamente através do ato voluntário (dádiva de si mesmo, do seu tempo, etc). Em certos casos, como os SEL (Systèmes d’Enchanges Locaux – Sistema de Trocas Locais), uma das formas de economia solidária, a dádiva pode mesmo se constituir como elemento estruturante.

A importância do ato voluntário dentro da dádiva não se desvincula, mas se completa na existência do interesse, mas não um interesse utilitarista e capitalista, mas sim aquele inerente ao ser humano. A ação está repleta de intencionalidade e esta intencionalidade traduzida no ato concreto é que trará e despertará as reais relações, os laços no círculo de dar, receber e retribuir. É importante destacar que ninguém mergulha em um ato social por mera vontade e/ou negação de si, o envolvimento de um ser humano em qualquer que seja a entidade social envolve questões maiores: o que ele pode oferecer, o que ele receberá em troca, qual será o retorno social de seu envolvimento.

Hoje, a dádiva em nossa sociedade encontra-se seqüestrada por atores sociais que retém e controlam as relações sócio-econômicas, tornando-as meras trocas irracionais e escravizadas de utilitarismo econômico. A dádiva concerne a uma unilateralidade, ou seja, volta-se para o comum, para o todo, não visando acumulação ou lucro das partes. É uma ação em longo prazo e não um enriquecimento imediato, requerendo assim intenção de todos e a consciência de hibridação social.

Ainda sobre a dádiva, França (1999) afirma:

Desse modo rejeita a possibilidade de compreender a dádiva sob a égide do mercado: “não se constata jamais simples trocas de bens, de riquezas e de produtos ao longo de um mercado entre indivíduos”, pois em primeiro lugar, “não são os indivíduos, são as coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam”, e, em segundo lugar, “o que eles trocam não são exclusivamente (...) objetos úteis economicamente. São antes de tudo gentilezas, danças, festas (...), onde o mercado é apenas um dos momentos e a circulação de riqueza apenas um dos termos de um contrato muito mais geral. (MAUSS, p. 150-151, apud FRANÇA, 1999)

É a vontade de sentir-se grato e eternamente consciente de sua dependência do outro, por isso não se trata apenas de uma troca – te dou isso e você me dá aquilo – trocamos idéias todos os dias e depois nos desfazemos daquelas que não gostamos, trocamos roupas, calçados, mas laços maiores não podem ser trocados ou substituídos, relações entre pais e filhos, entre

uma mãe e uma filha, por exemplo, não são desfeitas pelo simples fato de se gostar ou não, de se querer ou não e é nesta linha de pensamento que a dádiva vai sendo tecida.

A dádiva não é um simples sistema de trocas, mas sim uma relação, um laço, uma teia, voluntariamente traçada, uma “obrigação livre”, e por ser livre requer comprometimento, por ser uma escolha pessoal que deságua no coletivo, é que busca engajamento; uma escolha comum, uma convivência de diferentes, de distintos que tange para uma vontade associada.

Logo em meio a este engajamento, que é o colocar-se a serviço, “empenhar-se em uma dada atividade ou empreendimento” ou, ainda, “colocar-se a serviço de uma ideia, de uma causa, de uma coisa”, o intuito é de se encontrar um caminhar equilibrado entre o subjetivo e o coletivo de cada ser, sem que nenhum destes venha a ser totalmente suprimido ou evidenciado frente ao outro, na tentativa de construir uma cidadania solidária frente a um mundo em decadência.

A tentativa é de resgatar valores suprimidos pela ganância e pela busca de poder, tão enraizados nas práticas capitalistas, que outrem e hoje destruíram e têm destruído nações inteiras, culturas e povos. O objetivo é alcançar o direito e acesso a uma vida justa, digna, a partir de alianças, associações e modos de cooperação da economia solidária, exercidos sob o véu da solidariedade.

Ou seja, Economia solidária que é uma atitude social racional, justa, consciente, é um estar no mundo em favor do meio ambiente, do equilíbrio, do não desperdício, valorizando o trabalho e a ação coletivos, por meio da cooperação que é a práxis coletiva, o ato colaborativo mútuo, o pensar e o fazer unidos no grupo, com participação consciente e coletiva nas decisões das práticas democráticas e escolhas de gestores e dirigentes, como o exercício da autogestão, por exemplo, tudo isso dentro de uma ação econômica racional que não visa o lucro, mas o desenvolvimento comum, por meio da viabilidade econômica.

Ideais disseminados desde culturas rurais, indígenas, até culturas urbanas, não como fuga de um mundo desigual e perverso, mas como alternativa a este, favorecendo a inclusão social e o reconhecimento como sujeito social em detrimento ao egoísmo capitalista, um movimento social em favor de uma “outra economia”.

Dessa forma este capítulo segue delineando alguns exemplos de como a Economia Solidária tem se concretizado no dia a dia da sociedade brasileira e como a dádiva pode ser uma operadora das relações de troca nos Empreendimentos de Economia Solidária.

2.1 EMPREENDIMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Conforme já analisado anteriormente a Economia Solidária, sendo um movimento social, trabalha em prol da inserção daqueles que se encontram à margem da sociedade, por isso atua na reivindicação de direitos igualitários para todos, por meio da estruturação de novas formas de vínculos sociais e trocas comerciais, favorecendo assim o florescer de uma nova economia.

Dentre estas novas formas de trocas comerciais merecem destaque os variados Empreendimentos de Economia Solidária ou Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) alocados nas diversas realidades brasileiras. Para conhecê-las (novas trocas comerciais) no entanto, é preciso compreender o que são estes EES⁵.

Empreendimentos de Economia Solidária são as diversas formas concretas de manifestação da Economia Solidária, ou seja, grupos de pessoas que produzem e comercializam seus produtos com base nos princípios da Economia Solidária. O princípio geral da autogestão é que "todos os que trabalham são donos do empreendimento e todos os que são donos trabalham no empreendimento." Esses empreendimentos são os principais protagonistas e público-alvo do Fórum Brasileiro de Economia Solidária.

Atualmente existem diversos estabelecimentos identificados como EES, dentre os vários existentes é possível citar como exemplo associações, cooperativas de consumo, clubes de troca, complexos cooperativos, grupos de costureiras, bordadeiras, doceiras, com criação própria; bancos solidários que concedem empréstimos a juros baixíssimos em prol do desenvolvimento de pequenos investidores.

⁵ ITCSOL. Empreendimentos de Economia Solidária. Disponível em: <<http://www.projetos.unijui.edu.br/cidadania/itecsol/index.php/o-que-sao-empreendimentos-de-economia-solidaria>>

Na página seguinte, alguns exemplos numéricos destes empreendimentos desenvolvidos na região Centro-Oeste.

FIGURA 3 : Situação dos empreendimentos na região Centro-Oeste

FORMAS DE ORGANIZAÇÃO	QUANTIDADE
Associação	1.255
Grupo informal	743
Cooperativa	178
Sociedade mercantil de capital e indústria	22
Outra	7
Sociedade mercantil em nome coletivo	3
Sociedade mercantil por cotas de responsabilidade limitada	2
TOTAL	2.210

Fonte: Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária – SIES. Relatórios Regionais, Estaduais e Municipais.⁶

É possível perceber que dentre os Empreendimentos de Economia Solidária acima elencados as Associações e Cooperativas estão em destaque dentre as formas de organização solidária mais utilizadas na região Centro-Oeste, primeiro e terceiro lugar, respectivamente.

Dessa forma, ainda neste capítulo serão estudadas mais detalhadamente estas duas formas de edificação de novas trocas e vínculos: as Associações e as Cooperativas.

2.1.2 AS ASSOCIAÇÕES

⁶ Disponível

em: <<http://www.mte.gov.br/Empregador/EconomiaSolidaria/Fase2/Relatorios/EmpreendimentoResumoRegional.asp?Regiao=Centro-Oeste>>

Segundo a Cartilha do Agricultor Familiar as Associações ou processos associativistas são:

[...] fruto da luta pela sobrevivência e pela melhoria das condições de vida de comunidades. Associação é uma pessoa jurídica, devidamente registrada em cartório e constituída livremente pela união de pessoas que, [...], têm um objetivo comum, ou seja, querem a mesma coisa. Essa união acontece pra melhoria das condições de vida do grupo e da comunidade.

Segundo Pinto, 2005, as associações e também cooperativas surgem como uma “novidade política”, isso porque estas resultam de novos vínculos sociais, estes dotados de uma qualidade singular.

Sem dúvida, a extensão da crise do assalariamento conduz a mudanças nas formas e sentidos do trabalho. Interessa aqui perscrutar as mudanças que estão ocorrendo a partir das formas associadas ou cooperativadas de trabalho, onde a possibilidade de uma economia solidária emerge. Embora haja, como será visto adiante, diferentes leituras sobre o que venha a ser tal economia, a compreensão é de que o trabalho associado nesse contexto representa uma novidade política. (PINTO, 2005)

A novidade estaria exatamente no fato de que a própria forma coletiva do trabalho atuaria em favor da produção de vínculos sociais, bem como de uma qualidade particular para esses vínculos. (PINTO, 2005)

Ou seja, a prática do associativismo outorga a criação de novas formas de interação, são laços sociais tecidos concretamente, pois possuem como motivação, segundo Pinto, 2005, “a distribuição e não-acumulação das riquezas produzidas ou trocadas.”

“A forma associativa do empreendimento implicava na preocupação com a cooperação e a gestão compartilhada, de modo a favorecer uma distribuição equitativa da riqueza produzida ou trocada.”(PINTO, 2005)

Um exemplo concreto de Associativismo: ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA (AASM) – Distrito Federal (DF)⁷

Encontramos no blog da associação a seguinte informação

A Associação Atlética de Santa Maria designada pela sigla AASM, foi fundada em dezembro de 1998, mas começou suas atividades em 1995.

A AASM nasceu com o intuito de tirar crianças e adolescentes de 7 a 17 anos, das ruas e evitar possíveis contatos com o mundo das drogas e da violência através de atividades esportivas, culturais, de lazer e de cursos profissionalizantes.

Hoje, atende aproximadamente 650 crianças e adolescentes, nos seguintes seguimentos: futebol, karatê, capoeira, dança, hiphop, axé e outros na área de esporte e lazer. Além disso, oferece cursos de alfabetização e inclusão digital, manicure, cabeleireiro, bordados, reciclagem e multimistura para adultos formando grupos de geração de renda.

Nos últimos anos tem conseguido com o projeto Bola no Pé e Escola na cabeça afastar crianças e adolescentes das drogas.

São em média 100 alunos participando anualmente aproximadamente de seis torneios e ou campeonatos.

A AASM tem efetuado o seu trabalho, ao longo desses anos graças ao apoio e parcerias de instituições governamentais e não governamentais da Administração Regional de Santa Maria, algumas Secretarias de Governo e ONGS.

A AASM é pessoa jurídica de direito privado, criada na forma de Associação, entidade sem fins econômicos e lucrativos, político-partidários ou religiosos.

A esta realidade dediquei um semestre de minha formação acadêmica.

Ao entrar em contato com a AASM pude realizar concretamente trocas de experiências entre a teoria e a prática, aprendidas durante o Projeto de Economia Solidária

⁷Associação Atlética de Santa Maria. História. Disponível em:<<http://associacaoasm.blogspot.com.br/2011/05/historia.html>>

que, dentre as diversas disciplinas ofertadas pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, está alocado como parte dos Projetos Curriculares,

espaços curriculares específicos do curso de Pedagogia cujo objetivo é permitir ao aluno desenvolver uma trajetória acadêmica vivencial prática e reflexiva de atividades de ensino, pesquisa e extensão em instituições ou espaços que desenvolvem ações pedagógicas. (FE, UnB)

O que estudei em pesquisas e referenciais teóricos (, Carvalho, França, Singer, entre outros) a respeito da Economia Solidária trouxe propriedade e maior segurança a minha atuação em Santa Maria – DF, o que me propiciou perceber as potencialidades e fragilidades dentro da AASM e também em minha atuação como ser solidário.

No capítulo 3 realizarei um relato detalhado de minha atuação junto à Associação Atlética de Santa Maria, enfatizando a importância de vivências educativas combinada a comunidade.

2.1.3 AS COOPERATIVAS

Segundo a Organização das Cooperativas Brasileiras - OCB⁸, o cooperativismo é:

Um movimento, filosofia de vida e modelo socioeconômico capaz de unir desenvolvimento econômico e bem-estar social. Seus referenciais fundamentais são: participação democrática, solidariedade, independência e autonomia.

É o sistema fundamentado na reunião de pessoas e não no capital. Visa às necessidades do grupo e não do lucro. Busca prosperidade conjunta e não individual. Estas diferenças fazem do cooperativismo a alternativa socioeconômica que leva ao sucesso com equilíbrio e justiça entre os participantes. (Organização das Cooperativas Brasileiras - OCB)

⁸ Organização das Cooperativas Brasileiras. Cooperativismo. Disponível em:<(http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/)>

Com a propagação da doutrina cooperativista, as cooperativas tiveram sua expansão num modelo autônomo, voltado para suprir as necessidades dos próprios membros e assim se livrarem da dependência dos especuladores.

Um exemplo concreto de Cooperativismo: *COOPERUNIÃO - Cooperativa de Trabalho e Produção das Pessoas Unidas de São Sebastião – Distrito Federal (DF)*⁹

Os dados que seguem foram estruturados tendo como referencial teórico um artigo desenvolvido a respeito de pesquisas na realidade de São Sebastião e do Polo de Extensão, Pesquisa e Ensino da UnB em São Sebastião.

A Cooperunião surgiu em outubro de 2000, por meio do Programa Nacional de Geração de Emprego e Renda em Área de Pobreza do Ministério da Integração Nacional. Desde seu surgimento a Cooperunião vem intervindo na comunidade de São Sebastião no âmbito social, político, econômico, ambiental e cultural, atuando diretamente no desenvolvimento local.

Durante os nove anos de vida a cooperativa tem enfrentado desafios junto a comunidade de São Sebastião no fortalecimento do empreendimento e na aquisição de cooperados.

Em 2006 a Cooperunião foi incubada pela Incubadora Social e Solidária do CDT/UnB.

Junto à cooperativa existe um trabalho de parceria com o grupo PEPESS ambos atuando em conjunto, imbuídos nos princípios da economia solidária, autogestão, solidariedade, cooperação, tornando-se perceptível na fala dos apresentadores que o trabalho em rede é melhor que o isolado.

O intuito é de sensibilização da sociedade para a dádiva: dar – receber – retribuir, onde a comunidade também tem suas obrigações e retornos a dar.

Este trabalho conjunto entre Cooperunião e PEPESS tem sido desenvolvido pelo viés da pesquisa-ação, onde se conhece o ambiente e nele se atua buscando o desenvolvimento local, almejando a integração regional.

⁹ COOPERUNIÃO: Tecnologia Social atuando no Desenvolvimento Local. Disponível em:<http://www.redetec.org.br/publique/media/p_7.pdf>

Lá são desenvolvidos diversos trabalhos: mulheres em situação de vulnerabilidade (Mulheres em Expressão), Plano de Combate à Violência Letal, entre outros.

Logo, também a esta realidade dediquei um semestre de minha formação acadêmica.

Percebi que o trabalho desempenhado neste respectivo semestre dentro da Cooperunião deu-se mais concretamente no âmbito teórico, onde pude realizar um estudo específico, voltado para os trabalhos já desenvolvidos, em desenvolvimento e também aqueles que estariam por vir.

Pude assim obter um maior conhecimento da realidade na qual a Cooperunião atuava, pois ao trabalhar diretamente em São Sebastião, junto aos moradores da Região Administrativa, pude compreender concretamente o porquê da edificação da Cooperativa na realidade de São Sebastião.

Frente aos estudos sobre Economia Solidária já pontuados neste trabalho, no capítulo que se segue serão realizadas algumas ilustrações práticas sobre minhas experiências educativas junto à Economia Solidária como um movimento social.

3º CAPÍTULO: VIVÊNCIAS EDUCATIVAS NA ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO UM MOVIMENTO SOCIAL

“[...]o mundo da experiência é o da memória coletiva, da solidariedade, aquela solidariedade que gera identidade.” (Ricci, 2003)

O presente capítulo tem como objetivo relatar experiências educativas por mim vivenciadas durante parte de minha atuação dentro do Projeto de Economia Solidária, ministrado pela Prof^a, Dr^a Sônia Marise e ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Dessa forma este capítulo é resultado de minha inserção e reflexão, durante um ano e meio, dentro dos referentes projetos 3 fase B e C e 4 fase 1 e 2.

Por se tratar um trabalho que visa permitir um elo entre a prática e a reflexão, o desenvolvimento destes projetos baseou-se, durante toda a sua execução, na Pesquisa-ação.

Segundo Tripp¹⁰ (2005), a pesquisa-ação envolve uma esfera cíclica de planejamento, ação, monitoramento, planejamento.

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do

¹⁰ Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>

processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.
(TRIPP, 2005)

Logo, todo o projeto foi desenvolvido dentro da perspectiva de reflexão-ação-reflexão, para um contínuo melhoramento do processo. Adiante serão expostos alguns exemplos práticos vivenciados dentro do projeto em Economia Solidária.

Assim, à luz da Pesquisa-ação, a seguir serão relatadas as experiências educativas por mim vivenciadas ao longo de um ano e meio de estudos e pesquisas.

3.1 ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA DE SANTA MARIA: UMA EXPERIÊNCIA DE AMOR E DEDICAÇÃO

Durante o período de seis meses no projeto três dediquei minha atuação à comunidade de Santa Maria por meio da Associação Atlética de Santa Maria. Lá realizei um trabalho direcionado à edificação de uma biblioteca solidária. Inicialmente foi realizada uma conversa conjunta com os responsáveis pela consolidação da biblioteca.

Eu, juntamente com o grupo de trabalho conversei com a representante da Associação, a Amparo, a respeito do espaço que poderia ser utilizado para dispor os livros, colchões, tapetes emborrachados arrecadados por doações, os quadros que promovessem o incentivo à leitura e também almofadas para a melhor acomodação dos usuários.

Infelizmente as fragilidades já iam se tornando perceptíveis, o espaço que estava à disposição era extremamente precário. Os livros estavam dispostos ao lado do banheiro, o que não permitia o acesso digno a eles, como ilustram as fotos tiradas pelo grupo de trabalho:

FIGURA 4: Situação dos livros



FIGURA 5: Situação dos livros 2



Fonte: GT - Biblioteca

Conforme estruturado anteriormente, um dos princípios da Economia Solidária é o da Viabilidade Econômica, por isso, para tanto o desenvolvimento deste projeto de edificação da biblioteca solidária visou a economia de custos e aproveitamento de espaços próprios, ou seja trabalhar com o que o local dispunha, logo, nas negociações que se seguiram foi sugerida a utilização de um espaço cedido pela administração ou do espaço da biblioteca pública escolar para aperfeiçoar o trabalho já iniciado, que estaria aberto também aos fins de semana para acolher crianças e adolescentes em um ambiente totalmente agradável e com diversas atividades pedagógicas estabelecidas pelos alunos de Pedagogia da Universidade de Brasília.

No entanto, a dádiva já estudada no segundo capítulo deste trabalho, dentro da comunidade de Santa Maria, mostrou-se fragilizada, devido à não retribuição por parte dos mais interessados: a comunidade e a política. Assim, o espaço disponível para a concretização do trabalho era apenas o disposto na própria Associação.

A partir deste primeiro contanto iniciei meu trabalho junto ao GT da Biblioteca, no intuito de criar uma biblioteca solidária dentro da Associação, promovendo encontros culturais e cirandas de leitura. Para isso foram estabelecidas algumas atividades fundamentais para o desenvolvimento do projeto:

Gerenciamento das atividades Pedagógicas:

Hora do Conto – Ouvir contos é trocar. Ouvir contos não é só receber. Ouvir contos é comparar experiências próprias com as narradas pelo contador, comparar o próprio ponto de vista com o dele, recriando ideias e revendo conceitos. Trabalhar com a hora do conto de forma permanente, pode enriquecer o aprendizado das crianças de forma significativa. Os contos transmitem mensagens e facilitam o aprendizado de regras e o desenvolvimento de hábitos, além de contribuir aperfeiçoar e facilitar o processo de alfabetização.

Cineclube – Tem como objetivo proporcionar as crianças o contato com o mundo do cinema, que será realizado todos os sábados pelo turno da manhã. E ao mesmo tempo e também fazer da biblioteca um ambiente de lazer.

Palestra/ Trailer – Antes de dar início ao filme, cederemos um espaço de tempo para palestrantes conscientizando as crianças sobre o uso de drogas, sobre sexualidade e violência doméstica.

Aquisição de livros: foi realizada através de doações nos postos já estabelecidos: Pontos estratégicos da Universidade de Brasília, como Faculdade da Ciência da Informação, Faculdade de Educação, Instituto Central de Ciências, Supermercados, Padarias e Bibliotecas que trabalham com doações como a Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Catálogo e elaboração de etiquetas: Utilização do Código Decimal Universal - CDU com os respectivos números de chamada e instruir os alunos na hora de localizar um livro para que os alunos se familiarizem e saibam utilizar os recursos de uma biblioteca desde já;

Avaliação e Distribuição: O Acervo será composto por obras literárias, literatura Brasileira, História em quadrinhos, Livros de poesia e prosa, Gibis e Romances;

Design: Criar um ambiente agradável, colorido e arejado, dentro das condições possíveis tanto para a leitura, quanto para a exibição do filme e hora do conto. Utilizando caixotes de feira pintados, colchões doados, almofadas confeccionadas pelas costureiras da associação, tapete emborrachado e quadro.

Estruturadas as atividades que seriam desenvolvidas no decorrer do projeto foi estruturado também um conjunto de objetivos norteadores do processo:

Como objetivo geral: fazer da Biblioteca um eixo de conexão entre a comunidade e a Associação Atlética de Santa Maria onde ambas terão a responsabilidade de zelar pelo patrimônio para poderem desfrutar dos benefícios da mesma. E que por sua vez contribuiria com o desenvolvimento intelectual dos alunos da comunidade, inserindo pais, alunos e professores nas oficinas de leitura, fomentando a união entre entretenimento e educação, tornando a leitura prazerosa.

Como objetivos específicos: 1) Proporcionar à comunidade contato com a língua materna por meio da leitura e da imaginação; 2) Desenvolver nas crianças e nos adolescentes o incentivo à pesquisa; 3) Contribuir com o aprendizado dos indivíduos através de histórias contadas a partir de livros literários; 4) Contar histórias a partir do teatro de fantoches de maneira que insira esses alunos no mundo da leitura; 5) Criar um cineclube para apresentação de filmes educativos e apresentação de palestras;

Para que estes objetivos pudessem ser concretizados foi elencada também uma listagem de recursos, sugestão mediada pela colocação da professora Sônia sobre a importância de destacar as necessidades do grupo.

Foi sugerido também a importância e relevância de se ter disponível dispositivos midiáticos como televisão e DVDs, essenciais para a realização do Cineclube.

E por fim, estantes, para a melhor acomodação, conservação e disposição dos livros, tornando-se mais acessíveis aos usuários.

Solicitações estas estruturadas conforme os princípios da Economia Solidária, ou seja, a partir do necessário, do não abusivo e excedente e dentro das medidas possíveis.

A partir do desenvolvimento deste trabalho, nos sábados que se seguiram dentro da Associação elucidei e esperei que vários objetivos fossem alcançados, como Pedagoga em muitos momentos me emocionei, me contrariei e sonhei.

A nossa Pedagogia [...], não pertence a aqueles e àquelas que a escreveram, mas aqueles e àquelas que dela necessitam em sua luta cotidiana por uma escola melhor, por um mundo melhor. Desejamos que seja uma pedagogia cheia de esperança, onde afloram os valores humanos fundamentais: a amizade, o respeito, a honestidade, a admiração, a ternura, a emoção, a solidariedade, a aproximação entre o simples e o complexo, a atenção, a leveza, o carinho, o desejo e o amor. (GADOTTI, 2000)

Desejei junto ao grupo aflorar a imaginação, o desejo pela leitura, pelo conhecimento, pela cultura, pelo lazer: desejamos inaugurar a vontade de brincar, de

aprender, de crescer, a necessidade de fazer com que as outras colegas de grupo se sentissem, assim como eu engajadas, motivadas, abertas à concretização da dádiva.

A partir da criação da Hora do Conto e do Cineclube, a serem desenvolvidos em uma perspectiva transdisciplinar e multicultural, esperava colocar os livros, os filmes, a cultura e os saberes à disposição de toda a comunidade de Santa Maria, onde todos pudessem ter acesso à Associação Atlética e à Biblioteca Dinâmica e segundo Gohn, 2010, trazer para a comunidade de Santa Maria o empoderamento, tão importante na edificação dos vínculos sociais.

Para mim a Ação Pedagógica se completaria e se concretizaria no trabalho conjunto do grupo da Biblioteca consigo mesmo, com os outros grupos, com a Associação e com a comunidade, no intuito do trabalho onde cada um dá, oferece sua participação e contribuição, o espaço, a vontade de mudança, recebe o que de fato seja necessário ser recebidos e juntos, todos na participação do processo que retribui, como produto do trabalho conjunto, onde a Dádiva viesse a se concretizar, onde segundo Gadotti, fosse se estruturando uma esperança ativa, aqui concretizada pelo contínuo e autônomo crescimento da Associação, da comunidade e de todos os agentes envolvidos.

Por meio de teatros de fantoches, teatros humanos, filmes, livros, histórias que se fariam imaginei uma aproximação com a comunidade do universo da leitura e da cultura, tão distanciado por diversos fatores econômicos e sociais percebidos na realidade de Santa Maria, empobrecidos pelos vínculos assalariados desgastados pelo capitalismo, despertando assim o desejo e ação de continuidade, perpetuação do trabalho, por parte da própria comunidade, a partir do seu lócus, do engajamento conjunto e do que esta tem a oferecer.

Para ilustrar o resultado do desenvolvimento do projeto e posterior entendimento das demais considerações contidas neste trabalho realizarei a seguir algumas ponderações a respeito do que significou ser aluna do projeto 3 fase b, em Santa Maria.

Meus sentimentos dentro dos seis meses de trabalho:

Trabalhar durante um semestre aos sábados não foi uma tarefa fácil, imagino que para ninguém. Ter que deslocar-se pela manhã, tomando ônibus e aguardando por uma viagem para Santa Maria também não.

A surpresa maior foi quando no ingresso na Disciplina, a escolha deu-se pela necessidade de participação em algum projeto da Faculdade de Educação e não disponibilidade de tempo para esta participação em outros horários e dias que não fossem o sábado.

Ao primeiro encontro, em uma conversa inicial percebi que minha atuação como pessoa dentro daquele projeto seria diferente, pois não se tratava apenas de ir à FE, mas de um trabalho junto à comunidade, em uma cidade que até o momento eu não conhecia, em um lugar do qual eu nunca tinha ouvido falar, a Associação Atlética de Santa Maria, com pessoas que eu desconhecia. O impacto foi grande, mas me perguntei: “Por que não?” Seria uma experiência que eu guardaria como única em minha passagem pelo curso de Pedagogia na UnB.

No encontro seguinte levei também meu irmão para conhecer aquela turma e a professora, que tão empenhada falava sobre Economia Solidária, Dádiva, dar, receber, retribuir, sobre fóruns e atividades relacionadas a um pensar e agir no mundo de forma diferente e consciente, confesso que fiquei confusa, mas foi essa confusão e incerteza que me impulsionaram, moveram a investigar e dar voz a minha curiosidade. Foi o início de meu contato com uma produção alternativa. No entanto, algo continuava me inquietando, como seria atuar em Santa Maria, onde seria minha inserção?

Vários alunos comentaram sobre sua atuação no projeto, nas áreas de reciclagem, reestruturação da Associação, Brinquedoteca, projetos de multimídia, como a informática, entre outros. Naquele momento eu me senti obrigada a me colocar em algum daqueles projetos, mas como, se não conhecia? Estava ansiosa pela primeira visita, que se não me falhe a memória, aconteceu no sábado seguinte.

O sábado da visita foi uma segunda surpresa, sendo ser humano como sou, esperei e imaginei, idealizei lugares e pessoas, e desconstruí idéias, foi o que aconteceu comigo, não sei o que esperava, mas não foi o que vi ao meu primeiro contato com Santa Maria, creio que imaginava uma área onde estivessem estampadas todas as mil possibilidades (que pouco a pouco fui percebendo) de minha atuação e logo me senti perdida, o que faria ali? Eu necessitava de me sentir engajada, que algo me movesse a participar, para que houvesse sentido em sair de minha casa em um sábado pela manhã para um lugar que eu desconhecia e

essa é a realidade da economia solidária, a necessidade de sentir-se um eterno devedor e eu precisava disso para continuar e não desistir.

A roda de conversa, aos sábados, na sala principal, por momentos me animou e por outros me desconcertou, na fala de alguns alunos percebi seriedade e vontade de mudança, em outras falas, por vezes, talvez por julgamento, vi o trabalho sendo tratado superficialmente e sem a devida seriedade que o momento pedia, o que não pode servir para ninguém como desilusão, mas como vontade de fazer a diferença.

Nos sábados seguintes deveria começar meus trabalhos dentro dos GTs. Onde eu trabalharia? Voltei para casa meditando onde eu caberia ali na Associação.

Na Associação havia muitos espaços, necessitando de reformas e organização, e ainda há muitos livros amontoados em caixas e espalhados em vários cantos, a sala principal necessitando de maior espaço para organização dos projetos de pintura e costura, entre outros.

Nos livros espalhados vi a oportunidade de trabalho a partir de sua organização e criação de uma biblioteca, mais colegas viram também o que eu vi, o que deu origem ao nosso GT, o GT da Biblioteca.

Senti-me mais tranqüila ao perceber que algo havia chamado a minha atenção e que meus sábados naquela Associação seriam produtivos, só não imaginava que estar ali também seria um teste de paciência e convivência com mentalidades totalmente diferentes da minha, foi o que aconteceu.

Uma espécie de hibridação foi acontecendo, não um cruzamento de espécies, mas de ideais e opiniões totalmente diferentes, ao meu ver, conviver com colegas de personalidades tão distintas da minha foi um dos maiores desafios.

Em minhas reuniões com o grupo aos sábados sempre havia algo com que alguém discordasse ou quisesse realizar de forma diferente, por vezes saí dali chateada pela falta de caridade de alguns colegas (e minha também) em quererem tomar a frente, sendo que a maioria do grupo se posicionava de forma contrária a tal pensamento.

Mas, ao mesmo tempo em que, existiram as dificuldades, também as conquistas. No decorrer do trabalho fui estruturando junto ao grupo nossas ações de maneira a dar forma à nossa futura biblioteca.

Dividi e dividimos funções e de forma prática o grupo colocou-se a trabalhar. O trabalho deu-se a partir do que se tinha ali: livros, minha disposição e também a do grupo, as idéias; parecia pouco, mas no fim concretizou-se em uma feira de troca com sucesso, a qual será citada posteriormente.

Uma parte do grupo ficou à disposição da separação e classificação dos livros, a outra pela construção da biblioteca, eu, juntamente, com outras colegas atuei no trabalho com caixotes, transformando-os em estantes para livros.

Interessante foi perceber-me com um serrote, madeira, pregos, parafusos, dobradiças, chaves de fenda, tijolos e idéias misturadas naquele pequeno espaço conquistado e aguardando transformação.

Foi construtivo esse trabalho, pois me percebi, ora como marceneira, ora como pintora, ora como estudante, ora como mulher indignada, ora como pessoa aflita, aflita pois a práxis da educação na economia solidária cobra o pensar e o agir aliados, como todo ato educativo, e ali, no trabalho, como a teoria que estava estudando nos textos estava se concretizando? Como naquele momento estávamos transformando o mundo ou aquela comunidade onde estivemos inseridas?

Quanto à viabilidade, imagino que a viabilidade econômica esteve sim presente, os caixotes que utilizei para a confecção de estantes recicladas para os livros custaram R\$ 0,40 centavos e outros foram doados, e os pincéis e verniz utilizados na pintura dos caixotes, foram doados por meu pai que já os tinha em casa. As dobradiças não saíram por mais de R\$ 0,45 centavos cada uma e a mão de obra, essa não faltou durante o trabalho, até o motorista de todos os sábados, compadeceu-se ao me ver no batente com o serrote e, com toda boa vontade, me ajudou a serrar as lascas de madeira, os vínculos vão se estruturando e a dádiva se concretizando.

Mas em relação à viabilidade de pensamentos, essa talvez tenha saído cara, como dito anteriormente, não foi fácil conviver pacificamente com outros colegas, como sei

também que conviver com minha pessoa também não é tarefa fácil e esse é um dos grandes desafios da Economia Solidária, o convívio coletivo de pessoas e opiniões.

O tempo também foi uma preocupação minha, imagino que mais sábados ajudariam a concretizar melhor meu trabalho.

Assim a idéia de teorizar o trabalho e as discussões no moodle foi excelente, pois otimizou o tempo na Associação de Santa Maria, por isso é tão importante que o trabalho seja feito no ciclo da reflexão, ação, reflexão, para um contínuo melhoramento.

Os sábados dedicados ao trabalho em prol do GT da Biblioteca renderam a mim e a minhas colegas de curso um sentimento de gratidão, e disso tenho a absoluta certeza, pois no último encontro, ouvir de algumas colegas que finalmente elas estavam vendo sentido em suas atuações na Associação foi gratificante, pois me senti também responsável por aquele sentimento despertado nas meninas, melhor ainda foi perceber a vontade de permanecer no projeto, especificamente em nossos trabalhos com a biblioteca, o que significa que, de alguma forma, houve engajamento em nós.

E aqui reforço uma fala já contemplada em socialmente: “Somos eternamente responsáveis por aquilo que cativamos.” E cativando a confiança de minhas colegas em continuarem no projeto, senti-me na obrigação de, dando o meu melhor, mostrar a elas e a mim mesma que o todo o trabalho valeu e vale à pena.

Foi interessante perceber-me dentro deste projeto, pois a economia solidária, seus fundamentos não ficaram restritos em mim apenas dentro da disciplina, estando em casa e especialmente na igreja, quando vi, e me percebi interpretando as passagens bíblicas a partir de uma leitura dos pilares da economia solidária, e, acabei por refletir que por onde Jesus passou a Economia Solidária foi semeada, dar sem olhar a quem é solidarizar-se com o estranho, é compartilhar do amor fraterno do qual o Senhor nos fala e quer maior fraternidade do que uma comunidade civil que democraticamente auto conduz seus passos?

Por vezes andei na rua ou passei pelos lugares que são de costume em minha rota e me vi estudando os materiais que passavam, imaginando formas de reaproveitamento em prol da biblioteca, uma forma pessoal de concretizar Viabilidade Econômica.

Reaproveitar idéias e materiais e reconstruir espaços! Eu me percebo hoje como uma inventora, construtora, estudante... e sei que minha atuação no projeto abriu meus olhos para muito mais.

Como concretização e fechamento com chave de ouro do projeto, foi realizado no último encontro do semestre dentro da Associação oficinas e bazar.

O trabalho realizado encerrou-se de forma gratificante. Ao chegar na Associação eu, juntamente com as demais colegas, comecei a organizar o espaço que seria da Feira de Troca do Livro, cada membro do grupo contribuiu para que o lugar ficasse pronto para receber as crianças e todos que viessem para conhecer o acervo bibliográfico da comunidade.

Livros dos mais variados tipos, contos, gibis, romances, histórias infantis estavam todos organizados e ansiosos para receber pequenos e grandes visitantes.

Organizei também, em colaboração com as colegas, uma casinha de teatro, para a historinha que seria contada posteriormente.

No início a comunidade concentrou-se no espaço exterior da Associação, onde estava sendo desenvolvido o bazar, esse foi um dos pontos que nos preocupou, pois para desenvolver nossa feira precisávamos da comunidade conosco.

No entanto, posteriormente, com a apresentação do vídeo do GT da Contabilidade, houve uma maior concentração dos alunos e da comunidade, o que favoreceu nosso trabalho.

As crianças foram o meu maior público, uma a uma foram chegando e se assentando nos tapetes espalhados e começamos nossa contação de histórias, a educação em favor da comunidade despertou a imaginação não só dos pequenos, mas dos alunos, tios e responsáveis pelas crianças que ali estavam.

Uma das colegas de grupo preparou surpresas para serem distribuídas às crianças que participassem das atividades, contei histórias de livros escolhidos pelas próprias crianças e, posteriormente, eu, junto ao grupo contei uma história infantil, que teve a participação do público com opiniões e perguntas.

Encerrei a oficina com agradecimentos e, para minha surpresa, algumas crianças, mesmo sem terem levado seus livros de casa, expuseram seu desejo de levarem algum livro

da biblioteca. As crianças que manifestaram esse desejo foram atendidas, com o compromisso de seus responsáveis, de ao final da leitura, devolverem os livros à Associação, para que outras crianças pudessem usufruir desse bem.

Para mim foi uma grande experiência, me percebi contando histórias para as crianças das mais variadas idades e trocando experiências e realidades com elas.

São mundos tão diferentes, mas que juntos, dão origem a um grande cenário de imaginação, contação de histórias e solidariedade.

Mundos que se encontraram por meio do amor e dedicação dos atores sociais envolvidos, tanto alunos da UnB, como representantes da Associação Atlética de Santa Maria.

No último capítulo deste trabalho, direciono meu estudo para este olhar: o amor e dedicação daqueles que zelam pelo trabalho solidário.

3.2 COOPERUNIÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE SUPERAÇÃO

Este segundo relato diz respeito a experiências vivenciadas em diversas realidades do Distrito Federal, com um enfoque especial para a realidade de São Sebastião.

O projeto desenvolvido em São Sebastião se deu em minha parceria com colegas da Contabilidade, da Administração e da Enfermagem, todos imersos no contexto de práticas educativas dentro da Economia solidária, durante seis meses de minha formação, tendo como meta promover o desenvolvimento de estudos e práticas solidárias dentro da comunidade de São Sebastião, especificamente em parceria com a Cooperunião, num trabalho colaborativo tendo em vista os ideais da dádiva.

Durante o projeto alguns objetivos como: levantamento das carências e necessidades da comunidade e camadas menos favorecidas (avaliação de necessidades) foram essenciais, para assim traçar e desenvolver as metas de trabalho, visando o constante melhoramento da comunidade da RA e também meu aperfeiçoamento e também de meus colegas, como graduandos das citadas parcerias, visando sempre a geração de trabalho e renda coletivos, conforme ensinado nos princípios da Economia Solidária.

Ilustrarei então os estudos e experiências desenvolvidas apresentando a seguir um pequeno diário de bordo dos encontros que se sucederam no decorrer do projeto, é importante

destacar que por se tratar de práticas pedagógicas na esfera da Economia Solidária a minha atuação no projeto não se deu exclusivamente na realidade de São Sebastião, mas devido à demanda, perpassou outras esferas, como a de Sol Nascente, que será citada posteriormente.

1º Encontro

No primeiro encontro foi realizado um momento introdutório do projeto onde das oito e meia da manhã até as treze horas da tarde, foram feitas rodas de debate sobre o que vem a ser o projeto três e seguintes em Economia Solidária e quais os rumos que seriam traçados no decorrer do projeto.

Foram colocadas as mudanças ocorridas para o novo semestre e quais seriam os GTs onde cada graduando se colocaria para o trabalho. A nova realidade concretizou-se com a escolha de uma entre as 4 regiões de trabalho:

Alto Paraíso (GO) – atuação em um escola de cunho alternativo

Sol Nascente – atuação junto à comunidade e associação de mulheres

Gama – trabalho junto à escola e aos indígenas

São Sebastião – trabalho junto à Cooperunião

No entanto antes das escolhas serem feitas, foi proposto ao grupo que se conhecesse todas as realidades das futuras atuações, direcionando o trabalho para as áreas que despertassem o interesse individual e coletivo.

Dessa roda de debate participaram vários alunos, alguns já veteranos, graduandos do curso de Pedagogia, advindos de outras realidades e trabalhos em economia solidária e outros recém chegados de variados cursos como Engenharia, Enfermagem, Contabilidade, Administração.

Uma realidade que tem proporcionado a interdisciplinaridade e o contato com saberes de diversas vertentes teóricas, metodológicas e de vida o constante empoderamento estudantil, que a partir dessas vivências têm ganhado propriedade em suas falas.

2º Encontro:

O segundo encontro foi estruturado a partir de uma visita técnica à cidade de Sol Nascente. A van traçou seu destino por volta das oito e meia da manhã, retornando por volta da metade do dia. A cidade fica acerca de 30 quilômetros do Planalto e é hoje, considerada a segunda maior favela do país, encontrando-se em situação precária de saneamento básico, saúde e segurança, pontos esses que se fazem perceptíveis no trajeto por nós desenvolvidos até chegarmos à escola de destino.

Em Sol Nascente o trabalho com Economia Solidária já vem sendo estruturado desde datas anteriores, sendo levado a frente, até aquele momento, por uma colega de curso, graduanda de Pedagogia.

O trabalho com a comunidade se daria mediante a mediação de Marcílio o representante social local.

Para aqueles que optassem pela produção na cidade de Sol Nascente os desafios seriam múltiplos e a vontade e desejo de trabalho deveriam certamente estar presentes.

Terceiro e quarto encontros:

O terceiro encontro foi realizado por meio de uma visita técnica à cidade de Sol Nascente, que escolhesse trabalhar com essa realidade se voltaria para a imersão da realidade escolar.

O quarto estruturou-se na cidade de São Sebastião, as vans partiram da Universidade de Brasília por volta das oito e meia da manhã, chegando ao destino, duas estruturas puderam ser visualizadas: a primeira, um pequeno espaço destinado ao tripé universitário: ensino-pesquisa-extensão o Polo de Extensão, Ensino e Pesquisa em São Sebastião e ao lado, uma estrutura um pouco maior, a Cooperunião, uma cooperativa que visa o bem comum e o desenvolvimento social da cidade de São Sebastião.

A primeira visita ao Polo de Extensão, Ensino e Pesquisa em São Sebastião e conseqüentemente à Cooperunião se deu mediante ao conhecimento da proposta de trabalho apresentada pela assistente social Sueli Borges juntamente ao Valnei, ambos participantes tanto da Cooperunião, quanto do Polo.

Todo o grupo colocou-se em roda em uma pequena sala/salão para juntos conhecermos a nova realidade.

Foram postulados pontos importantes para o conhecimento do grupo, como documentação, as reuniões que se faziam mensalmente, as discussões sobre as entidades, a sociedade e suas carências, regulamentação da cidade de São Sebastião, alvarás, legalização de alguns órgãos,...

Sueli e Valnei colocaram que o Polo foi construído como sendo uma demanda do Fórum de Entidades de São Sebastião colocaram, e foi criando no intuito de

[...]estreitar os laços entre a nossa comunidade, a nossa cidade, e o conhecimento produzido dentro da UnB. O Polo serve, portanto, como ponte entre os Saberes e práticas desenvolvidos em nossa cidade (relativos a comércio, agropecuária, desenvolvimento, sustentabilidade, formação, ensino público, e todos os assuntos de interessa da nossa sociedade) e os saberes e práticas desenvolvidos nessa universidade, e portanto um centro de vanguarda no desenvolvimento de conhecimentos.

Com esse estreitamento, se enriquece a nossa comunidade e se aprimoram os conhecimentos teóricos da Universidade.

O polo portanto será um facilitador dessa comunicação e um centro de referencia para as atividades realizadas na cidade. (Disponível em: <http://pepessunb.blogspot.com.br/>)

Expuseram também o desejo de criarem parcerias que trouxessem apoio ao trabalho já realizado.

Ao final do encontro, nas palavras da professora Sônia, aqueles que se interessassem pela Pedagogia Social, com vistas ao coletivo, deveriam estar prontos para o trabalho e cooperação com aquela competente equipe.

Demais encontros:

Neste segundo encontro em São Sebastião, o trabalho em grupo mostrou-se mais direcionado, na medida que os alunos ali presentes eram aqueles que haviam optado pelo trabalho junto ao PEPSS e à Cooperunião, inclusive este foi o de minha escolha de atuação.

O trabalho em grupo foi desenvolvido a partir de uma roda de conversas informais. Onde cada uma se apresentou, assim como os representantes ali presentes, nome, formação, área de atuação, se estava ou não envolvido em projetos comunitários, se já havia trabalhado com economia solidária, o porquê de estar ali. Após nos ouvirmos, representantes, graduandos tanto da UnB, quanto da UDF, e estudantes do Ensino Médio Regular, foi realizada uma dinâmica de aproximação, o que conforme os princípios da economia solidária, a estruturação de relações horizontais com os colegas ali presentes – cada um de nós ao comando iria se cumprimentar mutuamente com uma parte do corpo solicitada, ora com os cotovelos, ora com os tornozelos, com o nariz... o intuito era criar um ambiente mais favorável à exposição de nossas experiências e maior liberdade de comunicação.

Num segundo momento foi realizada uma leitura coletiva de imagens contidas em um livro infantil. Os desenhos representavam situações do cotidiano da cidade grande, crianças passando fome, pedindo esmolas no sinal... relatos da desigualdade social que assola nosso mundo.

A partir da leitura interpretativa das imagens, foi trazido para o debate para dentro de nossas vidas. Que situações representadas naquele livro já haviam sido experiências concretas em nossas vidas. Será que em algum momento de nossa existência, em um semáforo fechamos as janelas de nossos carros por medo do outro, esnobamos o outro por parecer pobre, mal vestido? Nesse momento nos manifestamos e colocamos em choque nossa personalidade e modo de agir frente ao nosso semelhante.

Em seguida foi sugerido conversarmos sobre como desenvolvíamos nossa solidariedade na comunidade onde atuamos. Vários relatos foram colocados, desde participações ativas dentro da comunidade, por meio de manifestos e associações, até trabalhos comunitários religiosos desenvolvidos a partir da fé.

O que remete a um dos textos estudados na trajetória de estudos sobre Economia Solidária, CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil: “Economia Solidária: outra economia a serviço da vida acontece”, onde a Igreja, frente ao egoísmo humano consumado em mesas sem pão, pais sem trabalho, crianças que passam fome, corre contra o tempo na tentativa do desenvolvimento de uma economia alternativa, de distribuição igualitária e racional dos recursos humanos.

Ao final do sábado deixamos São Sebastião com o sentimento que a fé e a solidariedade não morreram, mas muito vivas estão no coração daqueles que lutam pelo bem comum.

Utopia seria dizer que não esperam algo em troca ou retribuição, esperam sim. Esperam crescimento independência frente ao egoísmo capitalista, esperam uma nova economia, educação.

O posterior encontro foi realizado na Faculdade de Educação, com o intuito de elencar o que já havia sido feito concretamente, traçando objetivos para as posteriores atuações, abaixo os seguintes objetivos levantados foram: reconhecer os trabalhos já desenvolvidos, levantando aspectos relevantes à nossa formação, visando a continuação de trabalhos a serem realizados futuramente. Sendo que os específicos foram: realizar um levantamento das atividades já desenvolvidas na primeira metade do semestre dentro do nosso grupo de atuação; levantar aspectos positivos e negativos em nosso trabalho; traçar estratégias de fortalecimento de nossa atuação e desenvolvimento de futuros trabalhos; estruturar novas leituras de aprofundamento em economia solidária; encaminhar futuras ações dentro do GT de São Sebastião. Objetivos estes que foram se consolidando no decorrer de minha atuação no projeto, em especial no relato exposto a seguir, que é especial devido a uma aproximação maior entre os atores de São Sebastião e minha atuação, uma fortificação dos vínculos sociais.

Um encontro especial¹¹

No dia 12/01/2013, a visita-técnica ao GT de São Sebastião, aconteceu em um lugar e forma diferentes. Eu, juntamente com uma colega da Contabilidade fui convidada a participar do planejamento semestral do Polo de Extensão da UnB em São Sebastião, que aconteceu no final de semana dos dias 12 e 13/01 em uma chácara no Goiás. A ideia era definir metas, ações, prazos e responsáveis. Saímos da Cooperuniao no sábado às 8 horas da manhã do dia 12.

Chegando ao local, conheci o espaço físico da chácara onde aconteceria o planejamento, conduzido pela Sueli, responsável pelo Polo de Extensão da UnB e Valnei, fundador da Cooperuniao.

¹¹ Este relato foi realizado em colaboração com a estudante Isadora Brito – graduanda de Ciências Contábeis pela Universidade de Brasília.

Após as devidas apresentações ao espaço físico, foi realizada uma apresentação formal de todos os participantes daquele planejamento e deram-se início às atividades. A começar pela preparação das refeições. Em grupo, todos contribuíram de alguma forma com esta preparação já estimulando a vivência, ajuda-mútua e estruturação dos novos vínculos sociais já pontuados neste trabalho.

O planejamento, conduzido pela Sueli, começou com a divisão em grupos e realizando uma análise de conjuntura. O objetivo era elencar a situação atual de São Sebastião, citando os acontecimentos negativos que vem acontecendo pela cidade, além de responder em cada um desses, as perguntas: Quem são os atores envolvidos? Em que cenário esses fatos acontecem, se dão? Quem são os responsáveis? A quem podemos pedir ajuda?

Os acontecimentos analisados estão descritos em detalhe no anexo 1 deste trabalho¹²:

No segundo dia de planejamento foram discutidas as perguntas: Como é combatida a ação do PEPeSS? No dia a dia do PEPeSS, quais são os problemas que emperram o andamento dos trabalhos? Quais são as propostas de atuação? Quais são as propostas para o 1º Semestre de 2013?

A ação do PEPeSS é combatida pelos seguintes fatores: Má gestão da UnB (morosidade, falta de investimento, instabilidade de pagamentos (falta e atrasos), salários estagnados, dependências para o financiamento de ações); Falta de cumprimento de regras estabelecidas em discussão com o movimento social local; Atrasos na compra e entrega de materiais e equipamentos; Interferências políticas; Falta de infraestrutura apropriada; Falta de uma relação concreta com pesquisadores da UnB (ausência da UnB no PEPeSS); Falta de atuação em diferentes leituras (cultura, esporte, etc.); Desinteresse de outros órgãos; Falta de publicação das atividades.

No dia-a-dia dos participantes do PEPeSS, os problemas que emperram os trabalhos são: Em relação ao local de trabalho, falta de infraestrutura, equipamentos e recursos humanos administrativos, de manutenção da organização e da limpeza, de uma tabela de rotatividade para a execução da limpeza do espaço de trabalho. Em relação à coordenação, falta de momento de coordenação entre os dirigentes locais para solucionar indecisões; necessidade de definição de regras claras para tratamento igualitário entre a equipe; necessidade de definir e

¹² Consultar anexo 1.

cumprir horário para abertura do PEPESS. Em relação ao empenho e cumprimento das atividades propostas, falta de interesse por parte de alguns membros; de comprometimento com presença e pontualidade por parte de alguns membros; de participação no planejamento por parte de alguns membros; utilização de celulares e redes sociais fora de hora por parte de alguns membros; falta de compreensão da importância das ações; ingestão de bebidas alcoólicas em momentos de lazer por parte de alguns membros. Em relação ao acesso a outros espaços, ausência de momentos de lazer; necessidade de visitas a outros espaços educativos e culturais; ausência de atuação expressiva em outros espaços.

As propostas de atuação possíveis ao grupo do PEPESS, definidas no planejamento, foram: Mostrar os trabalhos; Chamar a atenção para as atividades propostas; Divulgar ações (Folder, panfletagem, rádio, jornais, etc.); Criar projetos direcionados a diferentes idades; Aumentar a visitação e parceiros; Criar um livro de visitação para registrar nomes e contatos e registrar a participação da comunidade; Promover exposições no PEPESS; Promover maior conforto e melhor recepção; Promover palestras, seminários e ações culturais (teatro, música, etc.); Promover palestras nas escolas; Interagir com escolas e ONGs; Propor ações para melhorar a qualidade de vida da população local; Criar projetos para diferentes faixas etárias; Criar projetos em diferentes linguagens; Organizar eventos culturais; Convidar a comunidade a conhecer o PEPESS.

Após o levantamento das possíveis formas de atuação, ficaram definidas para o 1º Semestre de 2013, as seguintes realizações: Promoção de 2 eventos, um na 1ª quinzena de março e o outro na 1ª quinzena de junho; Divulgação de atividades por meio de folders, criação de uniformes e crachás e confecção do Catálogo de Diagnóstico do 3º Setor e dar continuidade a projetos já iniciados como o ‘Plano de Combate à Violência’, ‘Curso Pré-Universitário’ e ‘Projeto Mulheres em Expressão’.

Por fim, os alunos da UnB, juntamente com a professora Sônia, ficaram responsáveis pela inserção dos conceitos de Economia Solidária às oficinas do Projeto ‘Mulheres em Expressão’, de forma a dar continuidade ao projeto mesmo sem a chegada dos materiais.

Foi e é notória a vontade de cada um dos participantes do PEPESS em ajudar sua cidade, ou seja o engajamento se destacou como fonte principal de motivação para os

atores envolvidos. Este projeto foi e vai além de um emprego ou estágio para cada um deles, além de que, já formaram uma família entre eles, transcendendo a relação de funcionários. Ver em cada um deles essa pré-disposição em ajudar os outros, traz motivação a querer participar, de alguma forma, também; a olhar para as outras pessoas com um olhar humanitário; a olhar para o mundo com um desejo de mudança, um olhar crítico, um olhar de que se torna necessário, cada vez mais, o nosso papel na sociedade.

O próximo relato aconteceu na cidade de Sol Nascente e aconteceu com a participação de diversos atores: mulheres da comunidade, alunos e professora da UnB e parceiros do trabalho solidário.

Um encontro essencial¹³

Dentre os encontros que se sucederam merece destaque um encontro atípico, este não foi realizado na cidade de São Sebastião, mas em Sol Nascente, naquele sábado a professora Sônia colocou para o grupo a necessidade de eu estar presente, juntamente com o grupo na realidade de Sol Nascente.

Já iniciamos nossas primeiras ações dentro de sala de aula, não havendo tempo hábil para conhecermos as instalações, por isso o não relato do espaço físico nesta parte do relatório final. Por sermos de outro Projeto estávamos ali para cooperar com as atividades. E foi o que ocorreu durante a manhã daquele sábado.

Primeiramente adentramos a sala em que é destinado o Projeto e para a nossa surpresa a sala estava repleta de pessoas. Em pleno sábado pela manhã as pessoas estavam interessadas no aprender. Em certo momento pareceu que a sala não iria caber tantas pessoas, pois a cada momento chegavam mais e mais interessados no Projeto.

A professora Sônia se apresentou e também a nós alunos da Universidade de Brasília. Após, elencou os diversos momentos que aquela manhã nos reservaria. Primeiramente uma rodada de apresentações, um segundo momento de conhecer o que aquelas pessoas que foram naquela manhã poderiam contribuir e ajudar, e também, o que eles gostariam de aprender. E um último momento de reflexão sobre aquela manhã e a

¹³ Este relato foi estruturado em colaboração com o aluno Herlan Serpa – graduando em Pedagogia pela Universidade de Brasília.

apresentação dos diversos parceiros que estavam presente. A professora propôs então, em primeira instância, uma roda de apresentações que fugia do tradicional. Aquela forma clássica de apresentarmos a nós mesmos. Seria uma roda em um apresentaria o outro. Isto depois de cinco minutos de apresentação e conversa entre as duplas, para assim ter conhecimento da pessoa entrevistada. Foi uma boa atividade para “quebrar o gelo” e fazer com que as pessoas se soltassem. Como o fluxo de pessoas a chegar era muito intenso, a proposta passou a ser de apresentação da própria pessoa. Seguem algumas falas que puderam ser retiradas deste primeiro momento:

“Sou professor e as coisas que aprendi na vida, quero ensinar.” – Marcílio

“Projeto muito bom para gente.” , “Tirar coisa boa desse projeto” – Guiomar

“Este projeto pretende casar demanda com a ajuda dos parceiros.” – Mariana

“Trabalhar em prol da mulher, já é uma grande ajuda.” , “Seremos fortalecido e crescer com este projeto” – Nelci

“Com este curso pretendo aprender para melhorar a renda” – Maria do Amparo

“Minha colega Lúcia veio para aprender assim como eu, eu faço as coisas na mão e vim para aprender corte e costura.” – Maria

“Amiga antiga e mãe. A melhor amiga da gente. Sou uma negação para fazer roupa e vim para aprender com minha mãe.” – Vani

“Fiz um curso de departamento pessoal, mas quero aprender coisas novas neste projeto de corte e costura. Gosto muito de costurar.” – Juceni

“Já sei costurar um pouquinho e dei uma afastadinha, mas quero aprender coisas novas.” – Iracema

“Vamos elaborar o curso juntos. Juntos vamos agregar valores. Nós somos parceiros para pensar juntos e organizar o cursos juntos.” – Sônia Marise

“Meu marido está desempregado e quero aprender mais para ajudar com alguma renda.” – Lucimar

“Minha primeira vez que venho aqui. Trabalho, mas preciso complementar renda.” – Diva

“Moro no Sol Nascente e sou diarista, mas faço alguns bordados que aprendi em cursos da Igreja. Neste curso quero aprender sobre corte e costura para trabalhar nesta área.” – Dora

“Primeiro faz Deus, depois os homens. Eu luto pelo pão de cada dia. Nesse curso quero aprender. Estou aqui pelo que der e vier.” – Darci

“Estou aqui para aprender. Gostei dessa iniciativa do corte e costura. Gosto muito de aprender.” – Taime

“Economia Solidária: trocar saberes com o outro.” – Sônia Marise

No segundo momento entra a nossa participação colaborativa. Já que fazemos parte do Projeto em São Sebastião e ainda estamos num estágio embrionário de ações, fomos responsáveis pelas entrevistas no segundo momento do encontro em Sol Nascente. A priori, vimos que há uma necessidade de mais participantes neste projeto, já que se não fosse nossa participação, faltaria representantes e auxiliares neste momento.

Sob as orientações da professora Sônia Marise, nós fizemos as divisões dos grupos e em cada grupo ficou um responsável pela coleta das informações. Partindo da seguinte interpelação: o que eu já sei fazer na área e posso contribuir/ajudar/ensinar? Regida sobre a questão de como podemos gerar trabalho e renda? Seguem algumas falas que podemos retirar deste segundo momento:

O QUE QUE EU JÁ SEI FAZER NA ÁREA E POSSO ENSINAR?

“Faço cachecol e costura reta. Sou artesã e faço faixas. Trabalho com jornal, garrafas pet. Faço Bazar.” – Rosa

“Nunca peguei numa máquina. Sei fazer pouca coisa de costura.” – Maria do Amparo

“Ainda nada. Somente um pouco de crochê.” – Flaviana

“Sei o básico do bordado. Já ensinei Economia Solidária e possuo experiência.” – Marilene

“Sei o bordado básico. Quero aprender a costurar para ensinar. Um pouco de tudo.” – Maria de Jesus

O QUE EU GOSTARIA DE APRENDER MAIS?

“O trabalho de artesanato não é muito valorizado. E já que tenho um curso de corte e costura, quero aperfeiçoar mais para ajudar em casa.” – Rosa

“Aumentar a renda e aprender a costurar com máquina.” – Maria do Amparo

“Sei o básico, aí aprendendo muito mais com a máquina minha renda fica maior para ajudar meu marido desempregado.” – Flaviana

“Aprender várias coisas.” – Marilene

“Um pouco de tudo.” – Maria de Jesus

Após a série de explicações dos questionamentos feitos a cada grupos foi desenvolvido um debate e reflexões. Estas que chegaram na conclusão de que os participantes estavam esperando um curso de corte costura. Mas não é isto que o Projeto vislumbra. Ali é um local de troca de saberes em que os preceitos e lógica da DÁDIVA (a obrigação paradoxal do dar, do receber e do retribuir) são condições inerentes a toda prática social em que a solidariedade não é nada mais que a expressão de uma experiência de dádiva mutuamente gratificante.

Ao refletir, percebi que no Projeto de Sol Nascente deveria haver uma ação de duplo sentido e de mão dupla, de vai-e-vem. Numa troca de conhecimentos e de um ajudar o outro, ou seja, a Dádiva. Portanto, o curso que os participantes daquela manhã estavam procurando seria uma organização deles mesmos numa troca solidária de conhecimentos vislumbrando a proposta de GERAR TRABALHO E RENDA.

No momento final a professora Sônia enfatizou mais uma vez a colaboração na empreitada de realizar aquele curso. Que se o curso der certo é porque todos tiveram participação neste sucesso. Assim como o fracasso deve ser creditado a todos numa visão pessimista. Somos parte de um todo e todos são responsáveis por este cursos e devem se dispor a fazer deste Projeto um futuro sucesso, para assim, colher os frutos.

Por fim, os parceiros se apresentaram. Com destaque pela grande quantidade de parceiros ligados ao governo. Dando uma credibilidade maior ao Projeto e dando uma ideia de apoio e de segurança a ele e que visa claramente um aperfeiçoamento não apenas profissional

para se gerar receita e trabalho, mas contribuir na construção de um cidadão capaz de agir com solidariedade para com o outro. Para Gadotti, a solidariedade nada tem a ver com a caridade. Não se trata apenas de doar algo para alguém e por meio desse ato aliviar a consciência. A solidariedade precisa ser emancipatória, capaz de proporcionar mudanças, transformações, pois não basta “sofrer com” e não estar presente nas mesma lutas, na busca por melhorias, é preciso “estar com” compartilhando das mesmas buscas e dos mesmos objetivos.

Finalizei o projeto com ações propostas para o semestre seguinte e reflexões sobre minha atuação e também a dos colegas dentro do trabalho solidário em São Sebastião.

Minha percepção foi de que esta segunda atuação foi de cunho mais reflexivo e esteve fragilizada devido a algumas inconstâncias na realidade do PEPESS e também da Cooperunião e transição de representantes institucionais.

Para mim tornou-se perceptível que, os sujeitos envolvidos nesta segunda experiência possuíam um interesse profundo nos estudos e análises da comunidade de São Sebastião.

O que foi extremamente importante no processo, devido ao meu amadurecimento como aluna e profissional na área da educação, nem sempre as expectativas são alcançadas, mas nem por isso deve haver o sentimento de fracasso, pelo contrário o sentimento de vitória por tentar e aprender sempre mais.

A seguir, o último capítulo elucidará o sentimento de atores sociais, desde suas esperanças a suas desesperanças, conquistas e fracassos dentro de seus trajetos pessoais e profissionais nas duas realidades destacadas: a representante da Associação Atlética de Santa Maria e a representante da Cooperunião em São Sebastião.

4º CAPÍTULO: DANDO VOZ AOS ATORES SOCIAIS

Este derradeiro capítulo visa, por meio de duas entrevistas – uma à representante da AASM e outra à representante da Cooperunião, elucidar toda a discussão até aqui levantada.

Assim por meio de algumas perguntas¹⁴, finalizo o trabalho ilustrando quais são os sentimentos, à luz dos estudos da dádiva e do engajamento, que têm movido estas mulheres a se dedicarem ao trabalho solidário.

PRIMEIRA ENTREVISTA:

Nome completo: Maria do Amparo de Moura

Data de nascimento/Idade: 28/10/1956 Idade:56 anos

Formação/Profissão: Superior Incompleto – Administração JK

Representante da Associação Atlética de Santa Maria

1. A Economia Solidária é norteada por princípios que a fazem uma forma diferente de viver e atuar sobre o modo de vida capitalista, dentre eles o princípio do engajamento. Por que você escolheu engajar-se em uma Cooperativa/Associação?

Na tentativa de ajudar as crianças e os adolescentes a saírem das ruas para evitar o envolvimento com as drogas. A falta de vontade dos jovens de ir pra escola, porque em Santa Maria os jovens não estudavam, só quem ia pra escola eram as crianças, eu achei aquilo um absurdo, então eu comecei a trabalhar esses jovens para que eles fossem pra escola, porque é o que eu sempre digo pra eles, vocês são o futuro do país, se vocês não estudarem como é que vai ser NE?!

2. Qual sentimento, o que o (a) move a colocar-se disponível ao serviço ao outro, resistindo a sua zona de conforto, doando-se ao trabalho social solidário?

¹⁴ Consultar anexo 2

Foi num domingo de manhã, ao ver dois adolescentes mortos por causa das drogas, isso me moveu, e como Santa Maria não tinha nenhum trabalho com os jovens então eu resolvi fazer algo para que eles não 'issem' pras drogas.

3. Engajamento e motivação advêm de uma história de vida ou de um desejo de mudança. Em sua trajetória de vida o que o (a) fez ser hoje quem é, escolhendo um caminho de solidariedade e proximidade com o outro?

O desejo de ajudar o próximo que sempre tive, desde criança eu gosto de tah sempre ajudando. É... eu me sinto bem em ajudar, parece que quando eu to ajudando eu fico mais leve, mais, mais, eu durmo melhor e é isso que me motiva a ajudar os outros.

4. Como você tem enxergado a atuação da UnB, em especial da Faculdade de Educação dentro do trabalho por você desenvolvido na Cooperativa/Associação a qual se dedica?

O trabalho da UnB mudou até o meu modo de pensar. É... antes eu nem estudava e hoje eu voltei pra faculdade, através da UnB, porque pra mim incentivou porque é... os alunos, o trabalho com os alunos, eu também achei, também acho que eu devo ser uma universitária também, porque hoje eu to fazendo faculdade na JK, hoje eu sou uma universitária também, foi a UnB que me trouxe essa vontade de voltar pra sala de aula. Porque a gente vai trabalhando e vai sentindo a necessidade, o desejo de voltar a estudar.

5. A dádiva faz parte das trocas sociais, cuja a relação tem sido dar, receber e retribuir. O que você tem oferecido a esse movimento social e o que você tem recebido desse movimento?

Eu ofereço escolinha de futebol para as crianças, karatê, kikbox, hiphop, dança, qualquer tipo de dança que eles quiserem, que é aberta pra receber eles. Cursos pras mães, que é corte costura, cabeleireiro, manicura, pintura e tecido e... com... a minha contrapartida, o que eu sinto como retorno, é ver as mães abrindo seus salões nas suas casas, pra si mesmo e pra vender na sua própria casa, ver essas crianças que estão na escolinha não se envolvem com as drogas, os que estão aqui dificilmente a gente vê eles envolvidos com as drogas. Hoje a gente vê menino de oito, nove anos envolvidos com as drogas, esses meninos não passaram por nenhum trabalho social, pra ter uma formação de que aquilo é perigoso, de que aquilo não

presta. Pra mim o retorno maior é ver as crianças longe das drogas e as mães trabalhando em casa para cuidar de seus filhos. Aqueles que realmente chegam para fazer cursos, para estudar, alfabetização é uma das coisas que eu não pretendo deixar nunca porque eles são muito empenhados, com toda a sua seriedade, com chuva eles vêm pra escola. Tem ponto negativo. Têm pessoas na comunidade que mesmo que você ofereça, por mais que você ofereça, diga que vai mudar sua vida, que vai melhorar, eles não querem porque a comunidade tem todo tipo de pessoas, tem pessoas que não querem nada, esse não adianta porque você não consegue mudar a cabeça dele, neh. Que a... eu não sou contra os benefícios que o governo doa para a comunidade, eu não sou contra, eu sou a favor, mas eu sou contra o governo doar e não cobrar nada por isso, se uma mãe recebe uma bolsa escola e ela tem que fazer o curso ela não vai ficar ali refém da bolsa escola, ela vai ter autonomia de fazer alguma coisa e não ter que depender do governo, mas se não dar nenhum incentivo, nenhum e só recebem benefícios eles se acomodam. Então eu acho que o governo deveria fazer: você vai participar da bolsa escola, da renda minha, mas você vai fazer um curso, entendeu? Que é pra essa pessoa, abrir a mente dessa pessoa, porque e a hora que o governo parar de dar a bolsa, e aí, como é que ele vai fazer, porque ele não tá fazendo nada. Então pra mim isso é um ponto negativo, positivo por um lado, negativo pelo outro. [INTERVENÇÃO – existe algum caso de alguém que tenha participado das ações de Santa Maria e tenha trazido algum retorno para a Associação?] Sim, eu vou te contar uma história de um rapaz que eu comecei a fazer o trabalho, e um aluno [o citado rapaz], ele foi trabalhar no Aeroporto e lá no Aeroporto ele descobriu que quem pegava as mantas que a empresa não quer mais, ela doa, quem pegava essas mantas era uma pessoa que pegava essas mantas pra fazer campanha política, ele achou um absurdo, então ele foi lá no chefe e disse: “Olha eu tenho uma entidade, eu fui criado lá dentro, eu quero ajudar essa entidade, eu não virei um jogador como eu gostaria de virar, mas eu virei um cidadão e de lá eu saí um cidadão, então eu quero ajudar, então vamos tirar essas mantas de quem tá fazendo essa campanha política e vamos doar para essa entidade.” E hoje é... eu vendo no bazar, vendo pras pessoas, tanto pras igrejas, quanto pra orfanatos, tudo eu to melhorando o atendimento aqui através destas mantas e isso é resultado, é um fruto do meu trabalho. E isso acontece também com as pessoas, uma cabeleireira, ela sempre volta, “Ah, professora, eu to com uma dúvida!” Aí vem tirar dúvida, é muito bacana.

Reflexões:

É interessante ao refletir sobre as considerações expostas pela representante da Associação Atlética de Santa Maria, que Amparo é uma mulher forte, que mesmo diante das dificuldades que sua vida tem lhe imposto resolveu escolher um caminho desafiador, que é o trabalhar a favor do próximo.

Ainda mais motivador é perceber que ela se sente realizada e completa estando desenvolvendo este trabalho junto às crianças, aos jovens e às mulheres de Santa Maria.

E, mesmo com mínima percepção de que os vínculos sociais entre ela, a Associação e a comunidade de Santa Maria ainda estão fragilizados pelas relações capitalistas de troca, Amparo tem conseguido perceber a dádiva do dar-receber-retribuir que vem florescendo nos trabalhos por ela desenvolvidos junto à Associação.

Ao relatar sobre o que ela (Amparo) tem oferecido nas relações da dádiva dentro da Associação, Amparo teve-se a ofertas materiais: “Eu ofereço escolinha de futebol para as crianças, karatê, kikbox, hiphop, dança, qualquer tipo de dança que eles quiserem, que é aberta pra receber eles. Cursos pras mães, que é corte costura, cabeleireiro, manicura, pintura e tecido e...” o que é importante, no entanto há muito mais em suas vivências do que o simples dar algo material, Amparo desde seu ingresso na Associação, tem investido muito de si, seu tempo, sua paciência, sua humildade e simplicidade, sua solidariedade e preocupação com o próximo e com as realidades menos assistidas em Santa Maria, preocupações essas essenciais ao seu engajamento dentro da Associação, pois sem estas Amparo não se sentiria motivada o suficiente para dialogar o seu querer com o querer do outro. O que me inquietou e me trouxe a este trabalho.

SEGUNDA ENTREVISTA:

Nome completo: Sueli Brandão Borges

Data de nascimento/Idade: 01/10/1971

Formação/Profissão: Superior Completo – Serviço Social / UnB

Representante da Cooperunião – São Sebastião

1. Economia Solidária é norteada por princípios que a fazem uma forma diferente de viver e atuar sobre o modo de vida capitalista, dentre eles o princípio do engajamento. Por que você escolheu engajar-se em uma Cooperativa/Associação?

Para praticar os princípios da Educação Popular.

A Educação Popular que visa contribuir para que a classe trabalhadora se torne protagonista de sua ação política, processo que se desenvolve na prática de luta e organização dos trabalhadores.

É engajar-me no esforço de mobilização, organização e capacitação popular para o exercício do poder.

Porém, entendendo que é tarefa da Educação Popular orientar a formação ideológica e política para dotar os trabalhadores dos elementos fundamentais para a prática da atividade política.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 é a defesa e promoção dos grupos oprimidos pelo sistema capitalista dominante.

Com a Conferência de Viena em 1993 implementou o Plano Mundial de Ação para a educação em Direitos Humanos e é neste sentido que utilizo a educação popular. Para a defesa dos direitos das mulheres, crianças e adolescentes, negros, indígenas, homossexuais, povos de terreiro, quilombolas, sem terra... ou seja, todos os marginalizados pelo capitalismo excludente.

2. Qual sentimento, o que o (a) move a colocar-se disponível ao serviço ao outro, resistindo a sua zona de conforto, doando-se ao trabalho social solidário?

A necessidade de praticar o que aprendi com dois ícones:

Paulo freire – que via o processo educativo como um ato de amor que auxilia na formação de pessoas conscientizadas, isto é, “que tem uma compreensão diferente da história e de seu papel. Recusa acomodar-se, mobiliza-se e organiza-se para mudar o mundo.” - PAULO FREIRE.

E Che Guevara – “o comandante de homens livres”. Que repetia que o determinante na educação é a pedagogia do exemplo. “Se você é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros” - CHE GUEVARA.

3. Engajamento e motivação advêm de uma história de vida ou de um desejo de mudança. Em sua trajetória de vida o que o (a) fez ser hoje quem é, escolhendo um caminho de solidariedade e proximidade com o outro?

Inicialmente a prática religiosa, “Amar ao próximo como a si mesmo”- JESUS. Porém, ao praticar esta máxima em trabalhos sociais, percebi o nó de relações sociais que precisa ser desatado para conseguir praticar esta máxima garantindo direitos e não utilizando a solidariedade também como forma de poder.

Aí me formei em Serviço Social, onde compreendi a necessidade de me tornar educador e militante popular. Por apreender que os problemas sociais surgem do sistema capitalista e ao compreender isto, perceber que teria que me posicionar contra a dominação dos mais opulentos (ricos), a favor do fim da marginalização de dois terços da humanidade (pobres).

4. Como você tem enxergado a atuação da UnB, em especial da Faculdade de Educação dentro do trabalho por você desenvolve na Cooperativa/Associação a qual se dedica?

Ainda muito fragilizada.

Entendendo que a UnB, como todo o ensino público no Brasil, passou por um processo de sucateamento que só agora vem sendo transformado. Entendo que a atuação em extensão, que é a UnB na comunidade, foi uma das atividades mais prejudicadas com o processo de desvio da atenção dos docentes para as consultorias, isto é, após a inserção do processo individualista, de objetivo de lucro, tendo sido inserido na educação superior, por governos anteriores (neoliberais). Hoje, o trabalho nas comunidades, Extensão, é realizado por poucos que ainda têm a visão de criar teorias após a imersão na realidade local.

Mas temos tido parceiros conscientes. A Faculdade de Educação é uma das que mais atua. Temos parceiros na educação de jovens e adultos, na economia solidária, na conscientização de crianças e adolescentes. Ainda é um processo em construção com melhorias a realizar, mas um processo em construção e cada vez mais forte e com a prática de uma relação dialógica

entre o pesquisador e a comunidade, isto é, começando a utilizar conteúdos (texto), que sejam relacionados a cultura da comunidade (contexto), com o objetivo de extrair pretextos para agir (Práxis).

Práxis , segundo Freire, é toda palavra verdadeira que motiva uma ação transformadora e simultaneamente a reflexão sobre essa mesma ação. A Práxis torna o educando um sujeito histórico.

Porém, para alcançar esse objetivo é necessário definir método e metodologias de ação em conjunto e com muita clareza. É preciso realizar um planejamento que inclua os diferentes olhares sobre a realidade, o olhar do docente, do discente e da comunidade.

Neste sentido as turmas da Professora Sônia Marise, da Faculdade de Educação, estão assumindo o processo com excelência. Os problemas que aparecem fazem parte da falta de prática que todos nós temos em relação a este processo, que é novo, não é hegemônico e se implementa sempre em uma luta por mudar conceitos e práticas, isto é, hábitos antigos para serem modificados é sempre difícil.

5. A dádiva faz parte das trocas sociais, cuja a relação tem sido dar, receber e retribuir. O que você tem oferecido a esse movimento social e o que você tem recebido desse movimento?

Nossa!!! Eu tenho oferecido meus conhecimentos, meu tempo, parte dos meus ganhos financeiros, muito do meu suor, meu exemplo, minha visão crítica de mundo e a prática de metodologias que implementam um processo de mudanças de pré-conceitos que geram injustiça social, em diferentes áreas de atuação.

Tenho recebido muito conhecimento extra, (é uma troca constante que me enriquece a cada dia), tenho aprendido a adaptar minha linguagem à linguagem comunitária de modo a me fazer compreender melhor, tenho adquirido novas metodologias de ação. Enfim, a dádiva é a real implementação de uma Práxis resultando em transformação social.

6. Diante de suas vivências e experiências dentro de sua Cooperativa/Associação e do trabalho conjunto com os alunos extensionistas da UnB, o que tem significado a Economia Solidária para você?

Em primeiro lugar uma crítica ao texto da pergunta. Não gosto da utilização da palavra “aluno”. Ela significa “sem luz”. Sugiro que seja trocada pela palavra “Estudante”, que coloca o sujeito em processo de aprendizagem, respeitando o conteúdo que ele já carrega.

Infelizmente, ainda não li os conceitos. Tivemos uma noção pela apresentação da professora Sônia Marise, mas acho que poderíamos ter aprofundado mais se textos tivessem sido oferecidos como meio de apreensão dos conceitos ou se tivéssemos aplicado uma metodologia que nos levasse a real implementação do processo dialógico em relação aos conteúdos da Economia Solidária.

Esta é uma visão pessoal, de alguém que adora engolir textos e que vê na leitura um meio maravilhoso para a própria apreensão de conteúdos.

Mas, tenho percebido na prática dos estudantes uma necessidade de diálogo, mas por falta de apoio do que pela real implementação do processo dialógico. Mas acredito que este é o início de tudo. É assim mesmo, na prática, nos apropriamos, questionamos, oferecemos nosso olhar, nos acrescentamos com o olhar dos estudantes. Alguns já mais à frente, outros iniciando agora, outros ainda nem sequer querendo essa nova prática. Eis outro aprendizado que temos nesse processo, a compreensão do momento de cada um.

Reflexões:

É interessante nesta segunda reflexão o mover social como a essência na fala da representante da Cooperunião, Sueli. Torna-se perceptível sua moção diante das necessidades do mundo ao seu redor, a colocar-se pronta ao empoderamento, às reivindicações.

Mostra-se claro também que a dádiva tem se concretizado de diversas formas na vida de Sueli e daqueles próximos a ela, atuando também como motor de esclarecimento e formação crítica/emancipatória, pois essas trocas sociais permeadas pela economia solidária e pela dádiva dentro da Cooperunião, tem trazido, segundo a fala da Sueli, um senso crítico dos limites, dos desafios da atuação universitária nas comunidades, em especial São Sebastião. O que pode ser notado no levantamento das fragilidades e vulnerabilidades nas parcerias do ensino público (UnB) com a comunidade.

Interessante também é que Sueli coloca como desafio o “nó das relações sociais que precisa ser desatado”, nó este laçado pelas relações utilitaristas capitalistas, que vagarosamente vem

tentando ser desfeito por homens e mulheres, como a própria Sueli, engajados com o florescer do bem viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Valioso e bom é tudo aquilo que contribui para o maior desdobramento das faculdades específicas do homem e que favorece a vida. Negativo ou mau é tudo que estrangula a vida e paralisa a atividade do homem (...) Vencer sua própria cobiça, amar seu próximo, o conhecimento da verdade (diferente do conhecimento não crítico dos fatos) são as metas comuns a todos os sistemas humanistas filosóficos. (Erich Fromm)

Considero ao fim que, a Economia Solidária vai muito além de novas formas de se pensar e fazer economia, mas também está na minha forma de lidar com o ser humano ao meu redor, na minha forma de olhar para o outro, de entendê-lo e de com ele traçar novos caminhos e isto tornou-se perceptível a partir de minha inserção no Projeto de Economia Solidárias e contato com pessoas imbuídas na criação de uma nova sociedade, preocupada com o outro.

As experiências educativas que vivenciei dentro dos projetos dos quais tive o privilégio de participar me propiciaram um auto conhecimento e disciplina imprescindíveis no decorrer de minha formação acadêmica e profissional, favorecendo a concretização da teoria estudada durante minha atuação no projeto.

Em um mundo decadente não só econômica, mas também socialmente, estudar e conhecer uma outra economia que acontece é alargar horizontes e não perecer diante das desigualdades, mas combatê-las, reagir, não tornando-se omisso(a) diante de um mundo que cada vez mais clama por um vínculo social verdadeiro - hoje fragilizado e ferozmente devorado pela ganância, competitividade e a hostilidade - a solidariedade.

Perceber que pessoas ao redor do mundo, e aqui mesmo, próximas a minha casa, como aquelas com as quais convivi durante minha atuação no projeto, trabalham em prol do outro, daqueles que por diversos motivos não desfrutam plenamente de seus direitos, é entender e acreditar que há esperança.

“Ter esperanças é uma condição essencial de ser humano.” (Erich Fromm)

A diferença fundamental entre a Economia Solidária e o Capitalismo não está apenas em suas formas de gerir as finanças, mas também nas formas como o ser humano enxerga o seu próximo e também as coisas, o ter e o ser, como estrutura seus laços e como edifica seu caráter.

“TER e SER são dois modos fundamentais de experiência , a energia específica de cada um determina as diferenças entre o caráter dos indivíduos e os vários tipos de caráter social.” (Erich Fromm)

Assim, estudar e vivenciar a Economia Solidária como um movimento social foi entender que, onde a atuação do Estado encontra-se mais fragilizada, ali encontram-se os indivíduos engajados, preocupados com o florescer de uma nova dinâmica social, insatisfeitos com os retratos estampados nos jornais, nas revistas, na televisão cotidianamente - morte, exclusão, fome, infelicidade, analfabetismo, injustiça, desigualdades, desrespeito - vão à luta, seja por meio da criação de Associações ou Cooperativas, ou manifestos populares, querem mudança.

PARTE III: PERSPECTIVAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS

Não poderia chegar ao fim sem que algo me motivasse a prosseguir.

Lohana

Ao ingressar na Universidade, minha primeira e quase única preocupação foi: qual seria o tema de minha monografia? O que eu escreveria? Daria certo? Essa foi uma preocupação que comigo caminhou durante toda a minha jornada acadêmica na Graduação. No entanto, a tornei uma amiga, uma aliada, pois talvez se não tivesse me preocupado, estes caminhos pelos quais passei não seriam os mesmos, talvez tivesse seguido apenas pequenas trilhas, ou cortado caminhos, pego atalhos, mas hoje, vitoriosa, sei que edifiquei uma estrada, um caminhar.

Tudo que passei me torna mais forte e me faz ser o que sou.

Hoje tenho plena convicção de que área quero seguir, a docência, trabalhando com crianças, que é o caminho que já tenho percorrido há algum tempo. Sinto-me realizada profissionalmente ao dizer que sou PROFESSORA e que tenho a capacidade de ensinar e aprender a cada dia. Talvez isso venha a mudar e meu conhecimento me leve a edificar novos caminhos, percorrer novas estradas. Mas hoje, minhas malas estão feitas e a viagem já começou.

Agora meu objetivo principal após calcar mais esta conquista é continuar estudando, tanto para a extensão de minha formação acadêmica, mestrado e doutorado, quanto para meu ingresso na rede de ensino público, como professora, no intuito de formar não para a competitividade capitalista, mas para a solidariedade do ser e estar no mundo.

Quanto ao mestrado e doutorado, me interessa a área da Sociologia, do ser humano e seu diálogo ou não junto à sociedade, o que o faz, o que o torna um humano, tantas vezes tão desumano e quem é essa tal sociedade que o faz.

Quanto às perspectivas pessoais, essas não caberiam nas linhas de uma Monografia! Desejo conhecer o mundo, girar o globo e onde meu dedo pairar ali estar, desejo falar mais que inglês e espanhol, quero francês, italiano! Quero provar doces que levem ao êxtase o meu paladar! Quero amar....

O que sei é que, eu como educadora, jamais poderei deixar de sonhar e acreditar que a educação forma, transforma, inquieta, gera mudanças é poderosa.

E eu, Lohana Mayra de Sousa Santos, tenho o imenso privilégio de carregar comigo, em minha mala e em todas as minhas viagens este poder, e ele jamais ninguém poderá tirar de mim. E hoje, mais uma peça se junta a minha bagagem, o título honroso de graduada em Pedagogia, por intermédio de Deus, de meus pais, da professora Sônia Marise, de todos aqueles que por mim passaram e, é claro, pela Universidade de Brasília.

A todos nós uma boa viagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO Atlética de Santa Maria. **História**. Disponível em:<<http://associacaoasm.blogspot.com.br/2011/05/historia.html>>

BOSCHI, Renato Raul. **A arte da associação** : Política de base e democracia no Brasil. 1987

CARVALHO, Sonia Marise Salles. **Desafios dos vínculos sociais na sociedade Do trabalho contemporâneo**:Experiência de economia solidária No distrito federal e entorno. Brasília, 2008. Tese (Mestrado em Sociologia. Departamento de Sociologia – UnB, Brasília.

FÓRUM Brasileiro de Economia Solidária. CONIC - Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil. **Economia Solidária**: outra economia a serviço da vida acontece. Disponível em: <www.fbes.org.br>

FACULDADE de Educação. **Projetos curriculares**. Disponível em:<<http://www.fe.unb.br/graduacao/presencial/projetos-curriculares>>

FÓRUM Brasileiro de Economia Solidária. **Lixo e Utopia**. Disponível em:<http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=7513&Itemid=62>

FÓRUM Brasileiro de Economia Solidária. **PROJOVEM: TRABALHADOR**. Caderno de Qualificação Profissional em Autogestão, Economia Solidária e Tecnologias Livres.

Disponível em:<

http://www.fbes.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1291&Itemid=216>

FUNDAÇÃO Banco do Brasil. Cartilha do Agricultor Familiar. **Associativismo e cooperativismo solidário**. Disponível em:< <http://www.fbb.org.br>>
 GONH, Maria da Glória. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais**. 2004. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000200003>

GONH, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação. v. 16, n. 47, maio-ago. 2010. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>

GONH, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. Teorias dos movimentos sociais : paradigmas clássicos e contemporâneos. 1997

GONH, Maria da Glória. **Historia dos movimentos e lutas sociais** : A construção da cidadania dos brasileiros, 2. ed. 2001

INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO PARA O DESENVOLVIMENTO 3º infoDev Fórum Global de Inovação & Empreendedorismo, XIX Seminário Nacional de Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas, 2009, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
COOPERUNIÃO: Tecnologia Social atuando no Desenvolvimento Local. Rio de Janeiro: Rede de Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:< http://www.redetec.org.br/publique/media/p_7.pdf>

ITECSOL. **O que são Empreendimentos de Economia Solidária?** Disponível em:<<http://www.projetos.unijui.edu.br/cidadania/itecsol/index.php/o-que-sao-empreendimentos-de-economia-solidaria>>

MINISTÉRIO do Trabalho e Emprego. **O que é Economia Solidária?** Disponível em:<http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp>

ORGANIZAÇÃO das Cooperativas Brasileiras. **Cooperativismo**. Disponível em:<(<http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/>)>

SISTEMA Nacional de Informações em Economia Solidárias. **Relatórios Regionais, Estaduais e Municipais**. Disponível

em:<[http://www.mte.gov.br/Empregador/EconomiaSolidaria/Fase2/Relatorios/Empreendimen
toResumoRegional.asp?Regiao=Centro-Oeste](http://www.mte.gov.br/Empregador/EconomiaSolidaria/Fase2/Relatorios/Empreendimen
toResumoRegional.asp?Regiao=Centro-Oeste)>

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>

WARREN, Ilse Scherer; KRINSCHKE, Paulo J (orgs). **Uma Revolução No Cotidiano?** Os novos movimentos sociais na América Latina. São Paulo, Brasiliense, 1987.

ANEXO 1: PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO 1º SEMESTRE DE 2013 (COOPERUNIÃO)

ANÁLISE DE CONJUNTURA

ACONTECIMENTOS ANALISADOS:

Violência:

- juvenil;
- doméstica;
- escolar;
- acidentes de trânsito;
- homofobia;
- preconceitos;
- nas ruas;
- depredação do patrimônio público.

Precariedade no transporte público.

Saúde pública (precariedade):

- dependência química;
- gravidez na adolescência;
- prevenção a doenças sexualmente transmissíveis;
- depressão;
- carência no planejamento familiar.

Precariedade na Educação:

- questões de formação e apoio ao professor;
- inclusão digital para docentes, discentes, direção e pais;
- analfabetismo;
- falta de investimentos em profissionalização juvenil (cursos técnicos).

Obs.: necessidade de divulgação do IFB, instrumentalização dos pais.

Espaços Públicos / Cultura:

- colocar em debate os espaços públicos (incentivo à cultura e lazer de qualidade);

- conscientização ambiental:
- . cuidados com os animais (criação, confinamento – trânsito);
- . preservação das A.R.I.E.s (Áreas de Relevante Interesse Ecológico);
- . preservação e despoluição de córregos e rios;
- . reciclagem

CENÁRIOS ONDE OS ACONTECIMENTOS SE DÃO E DE ATUAÇÃO:

A1 – Violência:

Bairros, escolas, espaços públicos e privados (praças, quadras poliesportivas, ONGs, restaurantes, bares e boates), órgãos públicos (parcerias);

B1 – Transporte público:

Ruas, paradas de ônibus, terminais, escolas, áreas urbana e rural, ONGs, domicílios (pesquisas);

C1 – Saúde Pública:

S.U.S. (PSFs, Postos de Saúde, Unidade Mista, UPAS, Hospitais); ONGs, escolas, A.A, igrejas, Fórum de Direitos da Criança e do Adolescente/FDCA, Fórum de Entidades;

D1 – Educação:

Escolas públicas e privadas, ONGs, FDCA, UnB, Secretaria de Educação, Coordenação Regional de Educação, SINPRO, Conselho Tutelar;

E1 – Espaços Públicos / Cultura:

- espaços públicos: vagos, praças, parques, quadras poliesportivas, parque do bosque;

- espaços privados: bares e restaurantes, ONGs e FDCA

ATORES ENVOLVIDOS:

A2 – Violência:

- jovens de 9 a 21 anos;

- Conselho de Segurança;

- Conselho Tutelar;

- Polícias Militar e Civil;

- Coordenação de Educação;

- Coordenação de Saúde;

- FDCA;

- Fórum de Entidades;
- Religiões (templos e grupos);
- CRASS;
- UnB;
- Administração Regional.

B2 – Transporte Público:

- Empresários;
- Secretaria de Transporte do DF;
- Ministério dos Transportes;
- Sindicato do Transporte;
- DFTRANS;
- Comunidade Local;
- Corpo de Bombeiros;
- Coordenação Regional de Saúde;
- SAMU;
- Motoristas (carros e ônibus);
- Passageiros;
- Pedestres;
- Ciclistas;
- Carroceiros;
- Zoonoses;

- Associações Rurais;
- UnB;
- Administração Regional.

C2 – Saúde Pública:

- Pacientes;
- Coordenação Regional de Saúde;
- Conselho de Saúde Local e Regional;
- Fórum de Entidades;
- FDCA;
- Comunidade Local;
- Políticos;
- Rede Intersetorial;
- Secretaria de Saúde;
- Ministério da Saúde;
- UnB.

D2 – Educação:

- Docentes;
- Discentes;
- Pais e/ou Responsáveis;

- Coordenação Regional de Educação;
- Ministério da Educação;
- SIMPRO;
- Conselhos Escolares.

E2 – Espaços Públicos / Cultura:

Criação e manutenção de espaços públicos:

- NOVACAP;
- SLU;
- Secretaria de Cultura;
- Secretaria de Meio Ambiente;
- Associações de Catadores.

Cultura:

- ONGs;
- Direcionamento a diferentes faixas etárias (Crianças, jovens, adultos e idosos);
- Religiões;
- Administração Regional.

CORRELAÇÕES DE FORÇAS:

A3 – Violência:

Existência da violência em correlação de forças com:

- o direito à educação;
- a atuação dos projetos sociais;
- o direito à cultura e lazer;
- as iniciativas do Conselho de Segurança;
- as iniciativas da Polícias Militar, Civil e Corpo de Bombeiros;

Resultados desta correlação de forças:

- com atuação temos prevenção;
- sem atuação temos aumento da violência.

B3 – Transporte Público:

Com relação a ônibus, vans e lotações:

Empresariado com:

- único intuito de lucro;
- sem intenção de maiores investimentos;

- sem intenção de solucionar os problemas de superlotação, e de falta de manutenção dos veículos;

Em correlação de forças com:

- a comunidade;
- os sindicatos dos trabalhadores.

Resultados desta correlação de forças:

- com transformação de revolta em reivindicação organizada, melhoria dos problemas;
- com transformação de revolta em depredação, ampliação dos problemas atuais.

Com relação ao trânsito:

Comunidade em ação irresponsável no trânsito, em correlação de forças com:

- campanhas públicas;
- ações de conscientização e;
- reivindicações organizadas.

Resultado desta correlação de forças:

- com ações efetivas: divulgação de normas, responsabilização de atores, cumprimento de regras e melhoria da infraestrutura urbanística.

C3 – Saúde Pública:

Atuação preventiva (educação e mudança de hábitos) em correlação de forças com atuação no tratamento e cura (remediar e lucrar).

Falta de cumprimento do projeto do S.U.S;

Falta de infraestrutura;

Falta de recursos humanos;

Falta de capacitação e atualização dos profissionais, em correlação de forças com:

Atendimento humanizado e;

Ampliação dos serviços.

D3 – Educação:

Falta de infraestrutura e de novas tecnologias;

Falta de recursos humanos e materiais;

Falta de capacitação e atualização dos profissionais;

Formato desestimulante;

Falta de preparo de direções e coordenadores educacionais para lidar com a educação laica (tipo de educação elementar que se caracteriza por ser um ensino desvinculado da educação religiosa);

Falta de preparo de direções, coordenadores e docentes para lidar com as atuais bandeiras de luta dos movimentos sociais (movimentos estudantis, ambientalistas, L.G.B.T.s, etc);

Ausência dos pais e/ou responsáveis;

Em correlação de forças com:

Reivindicações de discentes, sindicatos, conselhos e movimento estudantil;

As iniciativas de inclusão digital;

As iniciativas de incentivo ao pensar científico.

E3 – Espaço Urbano / Cultura:

Não utilização dos espaços públicos;

Resistência de participação por parte da comunidade;

Baixa qualidade e quantidade de ações culturais oferecidas por órgãos públicos;

Influências políticas na organização dos eventos culturais;

Parcos investimentos públicos e privados em espaços de esporte, cultura, lazer e entretenimento, e meio ambiente;

Em correlação de forças com:

Direito à cultura e ao lazer;

Atuação dos movimentos culturais

Investimentos públicos e privados em espaços de esporte, cultura, lazer e entretenimento, e meio ambiente em correlação de forças com a depredação por parte da comunidade.

REFLEXÕES SOBRE O DIA A DIA DO PEPSS

COMO É COMBATIDA A AÇÃO DO PEPSS?

- Má gestão da UnB (morosidade, falta de investimento, instabilidade de pagamentos (falta e atrasos), salários estagnados, dependências para o financiamento de ações);
- Falta de cumprimento de regras estabelecidas em discussão com o movimento social local;
- Atrasos na compra e entrega de materiais e equipamentos;
- Interferências políticas;
- Falta de infraestrutura apropriada;
- Falta de uma relação concreta com pesquisadores da UnB (ausência da UnB no PEPSS);
- Falta de atuação em diferentes leituras (cultura, esporte, etc);
- Desinteresse de outros órgãos;
- Falta de publicização das atividades.

NO DIA A DIA DO PEPSS QUAIS SÃO OS PROBLEMAS QUE EMPRERRAM O ANDAMENTO DOS TRABALHOS?

- Em relação ao local de trabalho:
 - . Falta de infraestrutura, equipamentos e recursos humanos administrativos;
 - . Falta de manutenção da organização e da limpeza.
 - . Falta de uma tabela de rotatividade para a execução da limpeza do espaço de trabalho.
- Em relação à Coordenação:
 - . Falta de momento de coordenação entre os dirigentes locais para solucionar indecisões;
 - . Necessidade de definição de regras claras para tratamento igualitário entre a equipe;
 - . Necessidade de definir e cumprir horário para abertura do PEPSS.

- Em relação ao empenho e cumprimento das atividades propostas:
 - . Falta de interesse por parte de alguns membros;
 - . Falta de comprometimento com presença e pontualidade por parte de alguns membros;
 - . Falta de participação no planejamento por parte de alguns membros;
 - . Utilização de celulares e redes sociais fora de hora por parte de alguns membros;
 - . Falta de compreensão da importância das ações;
 - . Ingestão de bebidas alcoólicas em momentos de lazer por parte de alguns membros.

- Em relação ao acesso a outros espaços:
 - . Ausência de momentos de lazer;
 - . Necessidade de visitas a outros espaços educativos e culturais;
 - . Ausência de atuação expressiva em outros espaços.

- Em relação ao local de trabalho materiais e equipamentos:
 - . Irresponsabilidade na utilização;
 - . Desorganização.

PROPOSTAS DE ÁREAS DE ATUAÇÃO:

Em relação aos trabalhadores:

- Planejamento;
- Dedicção;

- Empenho;
- Presença;
- Respeito;
- Realização de trabalhos práticos além dos teóricos;
- Auto-gestão;
- Amizade;
- Criação da tabela para higienização do espaço;
- Visitas a outros espaços e à UnB.

Em relação aos frequentadores:

- Mostrar os trabalhos;
- Chamar a atenção para as atividades propostas;
- Divulgar ações (Folder, panfletagem, rádio, jornais, etc);
- Criar projetos direcionados a diferentes idades;
- Aumentar a visitação e parceiros;
- Criar um livro de visitação para registrar nomes e contatos e registrar a participação da comunidade;
- Promover exposições no PEPESS;
- Promover maior conforto e melhor recepção;
- Promover palestras, seminários e ações culturais (teatro, música, etc.)

Em relação à população:

- Promover palestras nas escolas;
- Interagir com escolas e ONGs;
- Propor ações para melhorar a qualidade de vida da população local;
- Criar projetos para diferentes faixas etárias;
- Criar projetos em diferentes linguagens;
- Organizar eventos culturais;
- Convidar a comunidade a conhecer o PEPRESS.

PROPOSTAS PARA REALIZAÇÃO NO 1º SEMESTRE DE 2013:

1º - REALIZAÇÃO DE EVENTOS:

Quantidade:

Realizar 2 eventos.

Periodicidade:

Na 1ª quinzena de março e na 1ª quinzena de junho.

Equipe responsável:

Rafaela, Luana, Laíz e Gabriel

2º - DIVULGAÇÃO DE ATIVIDADES:

Criação de folder

- para distribuição em escolas de 2º grau, ONGs e órgãos públicos;
- definição sobre designer, local para confecção e patrocínio;
- entrega até a 1ª quinzena de março;
- equipe responsável: Gabriel, Paulo e Valnei

b) Criação de uniforme e crachá

- definição de designer, local para confecção e patrocínio;
- entrega até a 1ª quinzena de março;
- equipe responsável: Paulo, Luana, Gabriel, Beatriz e Laiz

c) Confecção do Catálogo do Diagnóstico do 3º Setor

- definição de designer, local para confecção e patrocínio;
- entrega até a 1ª quinzena de março;
- equipe responsável: Sueli

3º - CONTINUIDADE DAS AÇÕES INICIADAS

PLANO DE COMBATE À VIOLÊNCIA

- Grupos de Instrumentalização de Pais;
- Divulgação do projeto e busca de patrocínio na Rede Intersetorial;
- Equipe responsável: Sueli

B) CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO

- Buscar livro com Onézia;
- Rever contato com o professor responsável;
- Equipe responsável: Paulo, ...

C) PROJETO MULHERES EM EXPRESSÃO

- Marcar reunião com professora Sônia Marise e oficinairos;
- Definir com o DEX a questão do pagamento da coordenação (Valnei) e dos oficinairos;
- Definir data para iniciar as oficinas e formato (inserção dos conceitos de economia solidária) até a chegada do material;

ANEXO 2: ENTREVISTAS APLICADAS ÀS REPRESENTANTES DA AASM E COOPERUNIÃO



Universidade de Brasília – UNB

Faculdade de Educação

Prof.^a : Dra. Sônia Marise Salles Carvalho Período: 1/2013

Disciplina: Projetos Individualizados / PESPE

Nome completo:

Data de nascimento/Idade:

Formação/Profissão:

A Economia Solidária é norteada por princípios que a fazem uma forma diferente de viver e atuar sobre o modo de vida capitalista, dentre eles o princípio do engajamento. Por que você escolheu engajar-se em uma Cooperativa/Associação?

Qual sentimento, o que o (a) move a colocar-se disponível ao serviço ao outro, resistindo a sua zona de conforto, doando-se ao trabalho social solidário?

Engajamento e motivação advêm de uma história de vida ou de um desejo de mudança. Em sua trajetória de vida o que o (a) fez ser hoje quem é, escolhendo um caminho de solidariedade e proximidade com o outro?

Como você tem enxergado a atuação da UnB, em especial da Faculdade de Educação dentro do trabalho por você desenvolvido na Cooperativa/Associação a qual se dedica?

A dádiva faz parte das trocas sociais, cuja a relação tem sido dar, receber e retribuir. O que você tem oferecido a esse movimento social e o que você tem recebido desse movimento?

Diante de suas vivências e experiências dentro de sua Cooperativa/Associação e do trabalho conjunto com os alunos extensionistas da UnB, o que tem significado a Economia Solidária para você?